CRÔNICAS DE UMA

FORTALEZA OBSCENA

Organização Íris Cavalcante

EDITORA TERRITÓRIOS

CRÔNICAS DE UMA

FORTALEZA OBSCENA

Organização Íris Cavalcante

Editora Territórios

"Paixão é a grossa artéria jorrando volúpia e ilusão, é a boca que pronuncia o mundo, púrpura sobre a tua camada de emoções, escarlate sobre a tua vida, paixão é esse aberto do teu peito, e também teu deserto."

Hilda Hilst, em A obscena senhora D

Prefácio

Éramos todos muito jovens, naquele tempo em que dizíamos obscenidades em papéis de carta borrados de perfume, em que nos oferecíamos com recato e pudor em fotografias impressas. E tínhamos pressa.

Recebi uma carta, na sede da emissora de televisão onde trabalhava. Talvez tenha sido a primeira missiva remetida por uma fã. Assim se apresentava. Assinava Volúpia. Morava num sítio, que é menor que uma localidade, menor que um distrito, em um município entre serras. Estava na escola básica ainda. Dizia que me achava isso e aquilo, que queria me conhecer.

Numa segunda carta, com a mesma letra caprichada, dizia que me amava, que não saberia viver sem mim, que eu era o homem da vida dela, que queria me ver. Mandava uma foto, de farda, com um quê sensual. Mais uma semana e, numa terceira tentativa derretida de desejo, dizia que sonhava comigo, que ficava excitada, que me havia escolhido para ser o seu primeiro homem, que queria se entregar toda para mim.

Que é isso? Resolvi ligar, sem saber ao certo o que diria para aquela fêmea tão ousada e decidida. Isso me atrai nas mulheres. Mas eu sabia que havia ali algo mais a cuidar que um corpo sedento. Não bastava que eu entrasse como imagem, todo dia, na casa dela, teria que entrar como realidade nela também.

Pedi que, primeiro, recebesse-me em sua casa por uma noite. Disse-lhe que queria conhecer o lugar onde dormia.

Atravessei serras, subi montanhas, cheguei. Volúpia aprontara os cabelos, pintara as unhas. Nada de roupa especial nem batom, fazia parte do plano de discrição. O olhar era sedutoramente cúmplice, o sorriso era de gozo. No rosto, ainda trazia algumas espinhas. O corpo moreno, magro, perfeito exalava em mim todos os hormônios e enzimas, todos os neurotransmissores e catalisadores do desejo de uma mulher.

Conheci o pai, a mãe, aquelas mãos grossas, as palavras doces para o rapaz da televisão que viera de Fortaleza. Estive com os irmãos, muitos irmãos, comemos todos na mesa que olhava para o quintal. Eu via o vento, ouvia bichos. O açude, a roça, as veredas, a paisagem azul. Flores no mato, borboletas, passarinhos. Era tudo perfeito ali para uma ninfeta abaixar a calcinha, subir a camiseta.

À noite, havia sapos, cigarras, grilos, corujas e vagalumes. Eram muitos e de toda cor. Parecia árvore de Natal, céu de Réveillon. Nem lembrei de olhar as estrelas. Confirmei com Volúpia que cumpriríamos o trato, de que eu não iria para a cama dela e ela não viria para a minha. Do parapeito da varanda, ela olhou o oitão, mirou o infinito e tomou um daqueles insetinhos pela mão.

–Volúpia – disse-lhe, os vagalumes vêm todas as noites, e vêm mais no frio e na solidão.

Ela me olhou com ternura, querendo ouvir mais.

– Eles sempre voltam, trazem a mesma luz, mas nunca são os mesmos – continuei.

Ela sorriu, como se entendesse. Fechou a mão, como quem abraça alguém que ama, e olhou pela fresta do dedo indicador.

– Se você o prende, ele acende. Mas você já não pode ver – tentei explicar-lhe sobre amor e liberdade.

– Entendi – encerrou, soltando a luzinha no ar.

Olhei para os lados. Beijei-lhe devagar e suave a maçã do rosto molhada. Senti o gosto de sal tocar o meu lábio e tomar a minha boca.

Ouvi trovões ao longe, ao longo daquela noite. Ou eram aviões. Relâmpagos pareciam alguma entidade mágica a fotografar aquele instante.

Um galo, outro galo, um jumento… Um cachorro cotó empurrou a porta para a luz da manhã entrar e anunciar a hora de partir.

A meninada fez uma algazarra carregando o carro de presentes. Jaca, jerimum, melão, melancia, lima, limão, folhas de chá e chuchu. Mel de engenho, uma bandeja de ovos e uma garrafa de zinebra.

A serração tomou conta da cena, parecia gelo seco naquele palco de singeleza e saudade. Mal deu para ver Volúpia num aceno para mim mais que obsceno: um adeus de miss.

Abro esta tentativa atrevida de prefácio com um arremedo de crônica cheia de verdade e fantasia, de realidade e alegoria, como são as narrativas que se seguem nesta surpreendente coletânea, que, como fio condutor de uma corrente de contas, digo, de contos, desmonta os limites semânticos da palavra obscena.

O que é obsceno? É esta a qualidade do que é despudorado? O que é o pudor? É um prazer ou uma dor? São muitos os possíveis significados, como se veem nas improváveis ressignificações que se encontram aqui, em cada página, em textos que parecem ter sido escritos livremente, depois de fechar a porta, apagar a luz e entrar debaixo do lençol.

Escritores aplaudidos e outros só agora revelados olham as obscenidades da Fortaleza que não é trocadilho, é conhecida, e assim também se reconhece, como A loura desposada do sol. Quê? Ou “A loirinha desmiolada de sol”, como diz o dileto amigo e escritor Ricardo Kelmer, que tão bem sabe traduzir uma libido chamada fortalescência.

São escribas que escutam Fortaleza, no seu mais eloquente grito de angústia e no seu mais íntimo gemido de amor. São médiuns que psicografam

Fortaleza nas suas sentimentalidades mais profundas, nas suas culpas e contradições, nos seus medos e incompreensões.

São de diferentes idades, alguns nem nasceram aqui. São diversos em profissão, escolaridade, renda, local de moradia. Distintos em orientação sexual e política, em raça e religião. Uma pluralidade de autores e de temas e de perspectivas que reflete a fortalescência polimúltipla e que faz o leitor se sentir na rua Guilherme Rocha.

É ali que a Fortaleza, fresca como é, se veste de vento atrevido para levantar a saia das mulheres pudicas. "É um vento pervertido, sopro-devasso, ar-tarado, brisa-indecente, um frescor cínico, corrupto e depravado que não distingue idade", descreve Gabriela Vitalino.

É o mesmo vento que nos consola do sol. "Na Granja Portugal, periferia de Fortaleza, o sol dita as regras até do mercado", relaciona Ítalo Leite Saldanha. "Seus raios atravessavam os vidros sujos da Topic 57, que vai do Centro ao Vila Velha", Rejane Nascimento de Sousa.

Os personagens aparecem nas narrativas com a fortaleza da primeira pessoa no presente. "Prazer, me chamo Dara, tenho 28 anos, trabalho no cruzamento da [avenida] Barão de Studart com [avenida] Beira Mar, tenho um amor e muitos conflitos", apresenta Íris Cavalcante.

"Os meus pensamentos fixam-se impacientemente nos pés de minha senhora, que se diverte implacavelmente com todo o meu corpo, depois de me ter amarrado", detalha Alberto Arecchi.

Outras cenas são resgatadas do passado, como numa terapia. "Me levou para o escurinho de uma árvore frondosa e abriu as calças para que eu pudesse ver o quanto ele era abençoado e falou: – Quer pegar?", lembra Leide Freitas.

Às vezes o personagem está em diálogo com a Fortaleza obscena. "Seu habitat é o asfalto da Meton [de Alencar, no Centro], espaço das sereias e iaras, em meio a uma ruma de 'aquários', num sistema de pesque e pague, onde a clientela escolhe qual fruto da água quer", descreve Carlota Camburão.

A obscenidade também está no abuso, no estupro do ambiente. “Encheram seu mar amado de plásticos e o ar não tem mais a pureza dos tempos de Iracema”, denuncia Hermínia Lima.

“És o espelho de taras indizíveis, o corpo esfoliado pela louca fome de lucro,o gozo infeliz que nega o próprio ser”, explica Paulo Albuquerque.

Este é o *Crônicas de uma Fortaleza Obscena*, com que o leitor se deleita, a partir de agora. Parabéns à escritora Íris Cavalcante pela ousadia e esmero da organização da obra – a literatura e a história lhe agradecem. E aplausos a cada coautor que emprestou o seu talento na qualificação da coleção. Ao final, como ocorreu comigo, o leitor irá perceber como Fortaleza é obscena. E como o obsceno pode ser também uma fortaleza.

Alberto Perdigão, fortalezense, jornalista, professor, mestre em políticas públicas e sociedade.
Instagram @falaperdigao

Autores e autoras

Alberto Arecchi – Pavia, Itália

Ana Luzia Oliveira – Rio, Rio de Janeiro

Andrea Agnus – Fortaleza, Ceará

Carlota Camburão – Fortaleza, Ceará

Carolina Cordeiro – Açores, Portugal

David Ehrlich – Curitiba, Paraná

Eduardo Ezus – Mossoró, Rio Grande do Norte

Emília Passos – Fortaleza, Ceará

Felipe L. Cavalcante – Manaus, Amazonas

Fernanda Claudia Araújo – Fortaleza, Ceará

Flávio da Conceição – Fortaleza, Ceará

Gabriela Vitalino – Fortaleza, Ceará

Gleice Ferreira – Jequié, Bahia

Hermínia Lima –Fortaleza, Ceará

Íris Cavalcante – Baturité, Ceará

Ítalo Leite Saldanha – Fortaleza, Ceará

Jacqueline Freire – Baixada Fluminense, Rio de Janeiro

Jaime Soares – Vila Nova de Famalicão, Portugal

Leide Freitas – Capistrano, Ceará

Lucas Porto de Queiroz – Fortaleza, Ceará

Nanda Chinaglia – São Paulo, São Paulo

Newton Dias Silva – Fortaleza, Ceará

Patrícia Baldez – Brasília, Distrito Federal

Paulo Albuquerque – Crato, Ceará

Paulo Brasil de Andrade – Fortaleza, Ceará

Paulo Henrique Passos – Fortaleza, Ceará

Rejane Nascimento de Sousa – Fortaleza, Ceará

Renato Pessoa – Fortaleza, Ceará

Tine Cabral – Fortaleza, Ceará

Vâniia Queiroz – Fortaleza, Ceará

Wagner Pires – Fortaleza, Ceará

Yvonne Miller – Aldeia dos Camarás, Pernambuco

Zélia Sales – Fortaleza, Ceará

Alberto Arecchi

Na Fortaleza da rainha

Pavia, Itália

Minha orgulhosa e misteriosa senhora.

Sinto falta da presença de uma mulher altiva para me dominar, me punir, me tratar como objeto de seus desejos. Sinto-me atraído por realidades misteriosas, pela magia de países distantes, pelo encanto de uma amante maravilhosa, conhecida apenas em sonho. Sempre entendi o sexo e as relações interpessoais como algo entrelaçado com uma certa dose de agressividade e sou atraído pelo chamado da tirania de uma mulher cruel capaz de me dominar. Quantas vezes sonhei em abaixar a cabeça sob o calcanhar de uma dominadora de caráter forte e decidido, que me subjugasse... Mas se você me perguntar: “Você é escravo?” Só posso responder que o desejo fortemente. Sem iniciação, tenho que encontrar a professora que vai esmagar-me sob sua personalidade, vai exigir obediência absoluta e vai escravizar-me aos seus desejos, sem nenhuma piedade. Os meus pensamentos fixam-se impacientemente nos pés de minha senhora, que se diverte implacavelmente com todo o meu corpo, depois de me ter amarrado. Vou adorar cada pequena parte do seu corpo, enquanto você me excita e me atormenta. Imagino minha deusa vestida de couro preto, com as

pernas envoltas em meias arrastão, as mãos entrelaçadas em luvas bordadas, vestida da maneira mais sexy ou beijada pelo sol e pelo vento, linda e altiva. Mais do que a aparência física, ou cabelo negro, de fogo ou de ouro, dos olhos imperiosos, dos seios protuberantes ou delgados, dos quadris vigorosos, prontos para cavalgar e esmagar-me, sua natural aptidão para comandar e uma harmonia mútua são condições indispensáveis para que eu me torne seu escravo. Toda imposição, todo abuso será então completamente natural e minha submissão será consequência óbvia. Gostaria de aprender a servir a minha senhora como vítima participante e cúmplice. Gostaria de poder dizer espontaneamente: “Ordena-me e obedecerei, pronto a todos os teus desejos”.

Vou despir-me ao mero sinal dum seu olhar e você vai acorrentar-me. Será o princípio de iniciação gradual, mas severa, que eu imploro que você conceda a mim, até minha anulação total, para a exaltação de seu triunfo final sobre meu corpo e minha vontade. Queres ser a gloriosa e inefável amazona que me dará todas as alegrias e todos os tormentos, com as artes mais subtis e cruéis, das quais uma autêntica dominadora é professora? Irei venerar vossa majestade, rogar-lhe que abrace os tornozelos e os joelhos, para poder admirá-la, acariciá-la, servi-la, mesmo quando você toma banho ou faz amor. Deixe-me beijar os lugares que você esteve e as coisas que você tocou. Eu serei o escravo que te ajudará a calçar e tirar as botas, você me usará como manta matinal, capacho para pisar na saída do banheiro. Vou massagear e espalhar seus cremes em você. Suas longas meias serão para mim um lenço e uma tanga, sua calcinha, uma mordaça para meus gemidos de dor ou prazer. Oferecerei minhas costas como banquinho para seu descanso, aquecerei você com meu hálito e meu corpo no frio do inverno e agitarei leques de penas para você no coração do verão mais quente. Ensine-me todas as maneiras de servi-la, dome-me como um potro rebelde, ponha-me na sela e monte-me, chicoteie-me, ponha-me no jugo, arraste-me com uma coleira, quebre e puna toda a minha resistência, reprima qualquer insinuação de insubordinação, obrigue-me a curvar-me minha cabeça, pisoteie-

me, esmague meu pescoço, peito, virilha latejando sob o calcanhar do seu vencedor, me force a implorar e desfrutar minhas humilhações, faça-me seu animal de carga ou companheiro, me acorrente às algemas de sua prisão, a seu serviço como quando quiser o melhor, sempre nu na sua presença, completamente indefeso, sujeito aos seus desejos, mesmo aos mais ocultos e perversos.

Sonho prostrar-me no chão, a cabeça pressionada pelos teus pés, para adorar teu corpo divino que se ergue das tuas botas, orgulhoso como uma túrgida flor tropical, e se eleva sobre mim, capacho de carne estendido ao teu serviço. Você me amarra a uma árvore no seu jardim, ofereço minha nudez aos golpes de seus chicotes, magistralmente colocados, capazes de rasgar lágrimas e gritos de dor embora sem rasgar a pele, e aos outros instrumentos de seus castigos. Sinto na minha pele os golpes do chicote e das esporas, as correntes, o couro das botas e do cinto, as ligas e as luvas bordadas, sofro os tormentos infligidos pelas tuas mãos cruéis, os meus cabelos rasgados um a um, enquanto tuas unhas e teus dentes afundam em minha carne, me apaixono por teus pés divinos de longas unhas laqueadas, que brincam com minha boca, com minha virilha, solicitando repetidas homenagens, beijos, ereções e sinais de submissão. Rastejo embaixo de você, beijo os dedos de seus pés, um por um, seus calcanhares, tornozelos e solas, amo, imploro que passem por todas as partes do meu corpo, rego com esperma quente e depois vou lamber com cuidado, até a última gota. Permita-me, por favor, poder despir-te para te beijar, explorar, adorar com as minhas carícias, os meus lábios e a minha língua, cada parte do teu corpo, cada ligeira dobra, tira o teu prazer, cobre a tua pele com a minha devoção atenta, das pontas dos dedões dos pés e dos calcanhares, ao longo das pernas esplêndidas, os joelhos, as coxas bem torneadas, o útero com a prega maravilhosa do púbis, os quadris e as nádegas, deslize pela dobra que passa entre a sua redondeza e vá nas costas, seios, axilas. Permita-me empurrar até o pescoço, para insistir novamente em limpar e lamber seu suor e os humores de seu sexo. Você monta em meu rosto e

minha língua explora suas partes mais íntimas. Guia-me em busca dos caminhos do teu prazer, usa-me como instrumento para extrair as melhores notas do teu corpo, desprovido de vontade própria, conduzido pelas tuas mãos, firmemente apertado entre as tuas coxas, molhado pelas tuas secreções.

Na fortaleza da rainha serei apenas um pedaço de um mosaico de carne emaranhada, matéria-prima a ser moldada, sujeita aos golpes de seu chicote. Você faz os corpos ungirem com uma mistura de óleos e especiarias excitantes (sândalo, cravo, pimenta e canela), você pisoteia músculos poderosos e tenros brotos com saltos agulha, você escolhe os escravos a seu serviço, os seus amantes do dia, os que vão cuidar do jardim e dos animais ou vão atuar em sua presença, para submeter-se aos seus instintos mais cruéis. Como em uma corte medieval, não faltam animais nobres, aos quais os escravos devem se submeter. Galgos ágeis e bonitos, prontos para se intrometer e participar, uma grande jibóia cuidadamente adestrada, para brincar com os escravos. Aspirarei ser escolhido pela rainha, no papel que seus caprichos sugerirem, mesmo que apenas por um dia ou uma hora. Estarei excitado e atormentado pela minha soberana que me acorrentará despido na frente de sua corte, me imporá a coleira, o arreio de couro amarrado a suas correntes e me obrigará a dobrar as costas, rastejando como um verme, a me jogar a seus pés para beijá-los, lambê-los e suportar seu peso, dançará em mim, me atropelará, afundará os saltos de suas botas em mim, rirá de meus constrangimentos e vergonhas, me permitirá enfim olhar para ela e tocá-la só depois de eu ter cumprido todas suas ordens e os deveres mais humildes e quando seus desejos quiserem.

Meu corpo enfim não tem mais segredos para você. Você violou todo o meu pudor, me forçou a abrir, me perscrutou, me penetrou com dedos indiscretos, com saltos agulha, com suas ferramentas. Eu me torno um objeto indefeso, vítima de suas fúrias. Assusta-me e estimula a minha morbidez, minha dona absoluta e triunfante, na minha posição de total passividade e dependência, impotente a qualquer reação.

Alberto Arecchi é um arquiteto italiano, mora na cidade de Pavia. Tem longa experiência em projetos de cooperação para o desenvolvimento em África, como especialista em tecnologias apropriadas para o hábitat. Presidente da Associação Cultural Liutprand (site: https://www.liutprand.it). Escreve contos e poemas em italiano, português, espanhol e francês.

Ana Luzia Oliveira

Sobre Masmorras, Torres e Prisões

@analuz.lumina
Rio, Rio de Janeiro

Ela se sentia encarcerada, já fazia tanto tempo, que nem sabia mais o quanto.

Começou quando leu pela primeira vez um livro proibido, indecente, pervertido, diziam. Exatamente por isso, a curiosidade foi despertada. A História de Ó, escrita por Pauline Réage passou a ser seu objeto do desejo. Depois de um tempo, descobriu que a autora, na realidade, chamava-se Anne Cécile Desclos, uma jornalista que escreveu o livro para seduzir o amante, dizem as más línguas. Se na época em que ela leu, o livro já era tido como escandaloso, imagine em 1945, quando foi escrito.

Mas, o que de fato importa, foram as sensações profundas que o livro tinha despertado nela. Excitação, desejos, prazer, gozos. E se fosse somente um livro erótico comum, nada disso teria relevância. Só que, de comum, ele nada tinha. Era um livro que descrevia práticas de sadomasoquismo, dominação e submissão a um limite extremo de servidão e subserviência.

Desde então, ela passou a questionar-se, recriminar-se, anular-se. E a fortaleza de seu cárcere começou a ser erguida. Era como um castelo, talvez o próprio Castelo de Ó, como no livro.

Nos andares mais profundos, havia masmorras e calabouços, em que estava presa pelo desejo de viver experiências muito peculiares, em que sentiria prazer na dor infligida, ou por estar amarrada ou amordaçada. Suas fantasias mais secretas, seus sonhos mais suados eram as correntes que a prendiam neste lugar de pouca luz, em que achava que não deveria estar.

Por sua vez, na torre mais alta, havia outra prisão. Essa prisão era construída pelos valores morais que lhe eram impostos, as críticas que fariam aqueles que a cercavam, os princípios religiosos pelos quais foi criada, que a colocavam em um lugar inalcançável. Nesse, ela, por vontade própria, não queria ficar.

Mas a pior prisão de todas era aquela em que havia se trancado sozinha e passado várias voltas na chave para não correr o risco de escapar. A sua opinião sobre si mesma, seus medos e receios. Dessa não conseguia sair, mesmo que não devesse estar ou não quisesse ficar lá.

Ali estavam os medos, julgamentos e receios mais severos que quaisquer outros, que a imobilizavam na procura de suas realizações e a separavam de tudo que queria experimentar.

Tinha medo de ser doente mental por ter ideias tão pervertidas. Ou portadora de alguma anomalia patológica que confundisse prazer com dor. Ou que suas vontades fossem uma tentação das sombras tentando apagar a luz de sua espiritualidade. Ou que fosse um impulso de morte que a levaria embora.

Tinha receios das pessoas que iria encontrar, dos abusos que poderiam ser cometidos, do avançar de sua carência afetiva rumo à intensidade de atenção, de sua suposta necessidade de autopunição, das sequelas que seu corpo guardaria por insanidade mental e emocional.

Julgava-se suja, promíscua, imoral, indecente, errada, de natureza corrompida e sórdida. Louca.

Por isso, negava-se. E guardava-se ali tão escondida, com suas vontades sublimadas, até que se esqueceu, não só de seus desejos, mas também de quem era.

Seja por destino, por padrões que não pode evitar, por castigo por não ter ouvido sua essência ou por ter plasmado no cosmo uma vontade indevida, recebeu, de um relacionamento "normal" e bem aceito socialmente, toda abusividade que tentou evitar de suas fantasias escondidas.

E vieram os traumas e julgamentos que nunca quis, em proporções que jamais havia imaginado. O impulso de morte se fez presente na opção que tinha acreditado ser de vida. Sua prisão agora era o profundo e lodacento fosso do castelo, em que teve que lutar para sobreviver.

Sofrimento traz aprendizados e maturidade, dizem. E, de fato, ela amadureceu, tanto na mente, como em anos. A duras penas, aprendeu que mais valia escolher do que ser arrastada pelas escolhas alheias. Não era mais uma donzela e sabia que o perigo rondava a todos, os culpados e os inocentes. Só restava um último ponto agora.

Queria decidir o seu caminho, mas esbarrava exatamente no portão que dizia que essa escolha contrariava o seu direito de escolher. Sim, um paradoxo ou um enigma de esfinge, que somente se decifrado, faria as portas se abrirem.

Seu posicionamento político e sua veia feminista pulsavam NÃO à subserviência, à violência contra mulher, ao machismo do patriarcado.

Os mesmos posicionamentos políticos e veia feminista pulsavam SIM ao direito de cada um viver sua vida de acordo com a vontade, à igualdade de todas as minorias frente ao colonizador, ao empoderamento feminino.

Em passos pequenos, apesar das forças nefastas que insistem em surgir das sombras de um passado criminoso, caminha-se na luta pela defesa da diversidade e da representatividade de grupos que buscam a liberdade de ser quem são.

Mas, e o grupo em que ela se encaixa, o BDSM–Bondage-Disciplina/Dominação-Submissão/Sadismo-Masoquismo, também pode usufruir dessa liberdade sem o julgamento da sociedade como um todo, de outras minorias e de seus próprios integrantes?

A resposta do enigma foi achada em sua própria coragem de posicionar-se e defender os seus direitos, não apenas em relação à sociedade que a nega, mas também em relação ao grupo que a discrimina.

Estudo e conhecimento abriram as portas da última prisão da fortaleza que lhe impunha uma vida longe de sua essência.Vamos às palavras-chave de todo o enigma: SSC – São-Seguro-Consensual, Limites, Negociação, Respeito, Confiança, Submissão e Não subserviência.

O restante desta história ainda está em construção, mas anulação da identidade: JAMAIS! Liberdade de escolha e de posicionamento: SEMPRE! EMPODERAMENTO JÁ!

Ana Luzia Oliveira é Terapeuta Sistêmica. Integrante do Coletivo Vozes Escarlate. Autora dos livros ProfAna (Margem/2021); Legado (VenasAbiertas/2021). Coautora do livro Janelas (Selo Auroras/2021); e Às Portas do BDSM (Amazon/2021). Coautora do oráculo Lâminas da Mãe Terra.

Andrea Agnus

Ser pirambuense é um espanto

@andreaagnus
Fortaleza, Ceará

Ainda consigo sentir o deslizar dos meus patins de segunda mão na pista recém-colocada. Em 1994, asfaltaram todas as ruas daquele bairro de periferia onde cresci. Era ano de eleições e sempre fomos muitos. Mas, mesmo antes das antigas pedras mal postas, com paralelepípedos que arrancavam cabeças de nossos dedões, existiam as brancas areias de uma antiga colônia de pescadores chamada Pirambu.

Diz-se que foi naquelas redondezas que Fortaleza começou – o Marco Zero. Por conta disso, em minhas observâncias de histórias repassadas por avós, não encontrei nenhum vestígio originário da obscenidade de se declarar pirambuense. Ser periférico é uma vergonha do outro, não nossa. Contudo, asseguro que ainda há aqueles que sonham em sair do barulho de um bairro que não dorme, dos sons de tiros que cortam o silêncio da madrugada.

Meus pais fizeram o movimento de retirada quando eu tinha doze anos, e eu o de retorno aos trinta e quatro. Obedeci a uma dinâmica comum de todos os filhos do lugar que ganhou o título de Grande: seguir expandindo em vertical. Agora, tem casas de dois a quatro andares; supermercados, escolas e postos de

saúde por todo o bairro. Porém, basta irmos em direção ao Centro da cidade, aos shoppings e às famosas Praias de Iracema e Beira-Mar que nos perdemos de nossa identidade. Pirambu se torna um bairro inominável e isso me inunda de um profundo espanto.

Recordo-me da estrofe de uma canção que minha avó nos ensinou – "Pirambu, marchar! Pirambu, marchar! Por um mundo melhor vamos lutar."

Milhares de moradores, em 1962, mostraram para toda Fortaleza que não éramos invisíveis. Dom Hélio Campos era o nome do reformador, o Salvador da Pátria, ao comando dele, ergueram igrejas, escolas e muitos tiveram a oportunidade de se alfabetizar, de ter a saúde assistida, de se orgulhar do lugar onde viviam.

Aos poucos, como é de praxe na cultura brasileira, a história vai se perdendo. Será que os jovens de hoje fariam uma manifestação pelo seu bairro periférico, marginalizado? Hoje temos até um calçadão que vai do Parque Costa Oeste à Barra do Ceará, onde os velhos patins de minha infância seriam bem aceitos. Mas, para alguns moradores, chique mesmo é patinar, correr e pedalar na palaciana Avenida Beira-Mar. Paira, entre eles, uma vergonha inconsciente, velada, de nossas origens.

Contudo, um orgulho de ter nascido na periferia transborda de mim. Principalmente, porque ao contrário de muitos amigos de infância, eu sobrevivi e venci pelos estudos. Meritocracia? Sorte, talvez. Afinal, desses mesmos amigos, que também estudavam, alguns não tiveram a oportunidade de chegar onde eu estou. Tudo por conta de balas "naturalmente imantadas" pelos seus corpos negros, durante uma ou outra batida policial. Eu também sou negra! Eu podia estar onde eles estão.

Por conta disso, sempre agradeço, nas festas de réveillon, a bênção de mais um ano. Do alto da laje da antiga casa, vislumbro os fogos da Praia de Iracema. Daqui, vê-se, ao longe, o bairro de prédios dos afortunados e, bem mais perto, os nossos verdes mares, o lindo nascer e pôr do sol, as crianças da

comunidade que ainda brincam com suas pipas, como antigamente. Às vezes, me pego pensando no quanto deve ser escandaloso para todos aqueles cidadãos do lado leste da cidade, que pagam IPTU, sermos felizes no Pirambu.

Andréa Agnus é uma cearense que, ao se assumir escritora, escancarou de vez as portas de seu armário literário. Publicou, de modo independente, as obras *Quando as Rosas se Amam: Antologia de versos íntimos* (2021) e *Contos da Terra da Lagosta* (2021), ambas no formato e-book, pela Amazon. Hoje, dedica-se à publicação de seu primeiro romance: *Alétheia - A verdade entre abismos e girassóis.*

Carlota Camburão

Off Fortaleza

@carlotacamburao

Fortaleza, Ceará

Canceriana e com a Lua em Peixes, com sorte completará 27 anos no próximo mês. Filha da rua e cria dos abrigos, acostumada com o vermelho dos semáforos, ir pra esquinas foi um estalo. Mas não espere um campeonato de sofrimento, de quem é mais coitada do que outra... estamos mais para a tragicomédia. Uma entidade fofa, selvagem e cringe no último grau. Nunca a vi reclamando de nada, apenas vivendo. Uma vida esculhambada, nada bacana e que de fácil não tem nada. Trocou o dia pela noite, faz viração o ano todo, menos no dia de um santo que não falarei aqui para não entregar o nome de batismo; deixemos em off.

E o Centro é o centro, aquém dos cartões postais, favorece o anonimato de quem já é invisível. Invisibilidade é um poder que não recua, dificilmente perde o efeito e há muito deixou de ser interessante.... ali na Meton, entre Major e Assunção e adjacências, as situações se desenrolam. Produtos e serviços para todos os bolsos e gozos. Desejos se consomem na fogueira das solidões.

Seu habitat é o asfalto da Meton, espaço das sereias e iaras, em meio a uma ruma de "aquários", num sistema de pesque e pague, onde a clientela

escolhe qual fruto da água quer: piranha, boto cor-de-rosa, peixe-boi, jacaré, acará, lagosta, ostra, baleia, sardinha, tubarão, baiacu, caldeirada... caranguejos só tem valor se for no mangue (subúrbio).

Figurinha carimbada em todos os tipos de cabarés, gosta mesmo é da rua, dos hotéis suspeitos com a lona na frente para abrigar do sol e proteger a identidade dos pescadores. Celebra a existência dela e sente-se desejada como uma diva pop; seus parceiros são como estrelas do rock (só que de dia estão no corre: pastoram carro, dormem nos cinemas...). Casório, casório mesmo foi uma vez só; um desastre: muita droga, peia, sexo e medo. Até que gosta do vulgo "Viúva Negra" conquistado durante uma temporada no presídio. Atualmente se casa de duas a três vezes ao mês, os maridos não a aguentam, segundo ela.

Poliglota em palavrões, navalha na boca, perfume francês troando. Mas, apesar do jeito espalhafatoso, os clientes são preservados sempre. Às vezes, durante o dia, pode ser encontrada andando de patins pela beira mar, esfomeada. Só fale com ela depois de oferecer um pratinho e água de coco (essa é a senha de acesso) e se tornarão melhores amigos, o que será uma honra; para você, é claro. Por favor, não se apaixone, não sinta saudades. Ela não tem tempo para bobagens.

Sonha com uma carreira internacional igual a da Valentina Sampaio. Ela já antecipa o sucesso: cena final podre de chique, em um filme de 007 ambientado na capital, com ela de Bond girl, morta de linda: uma saída de praia transparente, virilha cavada, numa perseguição com gosto de gás, iniciada na Feira da Parangaba (com bregueços voando para todo lado) e zapt... corta para o Astor Martin passando pelas estruturas da roda gigante, depois de ter implodido o Acquario Ceará! Pousando na sala do apartamento Skydrive, com direito a superbeijo no Bond! Do Mara Hope um míssil é lançado na direção deles. Final em aberto.

Se quiseres podemos realizar a tua tara agora.Vai dar bom!

Com sete anos de Ceará e vivenciando a cidade além dos pontos turísticos, tem a pretensão de narrar o Amor pela voz dos invisibilizados. Já faz um tempo que vive da Palavra. Aprendeu a fazer baião; tende a torcer pelo Fortaleza; é feliz e sabe disso.

Carolina Cordeiro

A fortaleza

@carolinacordeiro1
São Miguel – Açores, Portugal

Catarina conseguia sentir as sais a roçarem a pedra. O barulho acetinado em pedra campestre, negro e lapidar, era tão nítido quanto o rodar da chave, quase quebrada de esbranquiçada, numa das mais belas fechaduras que ela alguma vez vira.

A sua família tinha passado o seu tempo de vida a fotografar pedaços de portas, numa demanda insaciável pelas fechaduras mais antigas. E, Catarina via-se, agora, a braços com uma porta, sita no redobro da rua, num espaço que nenhum transeunte, nem ela, havia imaginado, alguma vez, conter a sombra de um sinal luminoso.

Estavam em vias de extinção, locais como este. Locais por onde ela tinha entrado, onde ela tinha deixado o carro, por onde ela tinha passado sob aquela sombra da centrada árvore, por onde ela tinha caminhado, num esguio caminho controlado pelos altos e musgosos muros; por onde ela tinha subido os degraus, que a elevaram a um espaço emocional que não contava viver. No final, o espaço era-lhe familiar e sentia os olhos da terra a olharem-na.

Assim que rodou a chave e entrou na casa, os passos de madeira que deu, imaginou rangerem. Mas não aconteceu. Estava tudo límpido, certo. Arrumado a preceito. Exposto como uma vida. A casa, por detrás da segurança simulada, sentia-se viva.

Num recanto, a história perfilava-se sem dó nem piedade. À mostra, colocavam-se as relíquias que o tempo havia, gentilmente, depositado no peito daquelas gentes. E que belo colo o é. Quase tudo, paulatinamente, fora feito para que o tempo não se lhes escapasse, feito areia e para que o sentir não se perdesse nos meandros do progresso. Bem haja o ensinamento de não se firmar um pequeno documento!

Catarina não se atreveu a seguir o seu impulso e tocar todas aquelas lombadas. Se o tivesse feito, sentir-se-ia ainda mais presa àquele chão – como se tal fosse impossível. Decidiu virar-se e passar pela porta que, agora, se movimentava à sua frente. O espelho era imponente. Certo. E nele, Catarina viu-se a si. Viu que o que mandava na sala era o recanto do piano. Mais. Viu-se a si ao piano. E viu a foto. É a foto da geração, atrás, pendurada, imagem tocada pelo som e pela vida. Ainda bem que ali estavam – ela e o retrato.

Catarina deteve-se frente à fotografia e observou-a tratando-a como um ser humano: de cima a baixo e acima novamente, prendendo o olhar no rosto de quem se mira. E que mirada viu! Sentiu as lágrimas correrem-lhe pelo rosto, sem esforço de terem nascido nem de terem sido forçadas. Mas teve de se conter. Conter para não sufocar. Aliás, também tivera de começar a chorar para não abafar o coração com o peso daquela história, que via em ebulição pelas suas veias.

Não sabia o que pensar. Ela era chorona – certo, mas não tanto assim nem muito menos na casa de estranhos. O mais estranho é que a casa não lhe era estranha. Não lhe era nada, mas sentia-a pertença sua. Mais estranho, ainda, foi quando se virou, por sentir o barulho que lhe soava nas costas e por olhar a casa e esta, sem que Catarina contasse, ter-se tornado vazia. Desapareceram o piano, o espelho e até o chão era distinto. Rangia tudo, por todo o lado. Talvez tivesse sido ela mesma quem havia provocado o barulho que a fez despertar. Mas como se desperta de um sonho que tem tudo da realidade que a vida não tem?

Mas não havia sido sonho. Havia outra pessoa na sala. De onde viera, não sei. E isso não era o ímpar da situação. O que destoava era a capa azul escura que a corpulenta figura trazia pelos ombros, dobrada, como se, à pressa, a tivesse despido. Para parar a sensação de estranheza, questionou o vulto sobre o que ela fazia ali. Sei lá o que faço aqui! Tenho a desmedida vontade de procurar fechaduras. Não sei se para as abrir ou se para as fechar.

O avô deixara-lhe uma caixa com chaves antigas e uma carta para cada uma. Desde que ela as recebera, juntamente com aquela avultada quantia de dinheiro, no dia do enterro daquele homem intrigante, que nada mais a prendera à pacata e simplória vida que tivera e que sempre conhecera. Não que agora esbanjasse. Não que fora educada assim. Não a prendia o sentimento de comprar para usar. Não era a sua necessidade. Era gosto pela procura e o gosto pela resposta positiva ao "porque não"?

A resposta foi dada nesses moldes? Porque não? Eu tenho a chave. A fechadura estava ali. Então, porque não entrar? Talvez porque a casa já não lhe pertença. Nunca me pertenceu. Pois, foi o que sempre senti. Sentiu? Como? Nada! A casa está abandonada. Isso é que pensa. É o que vejo. Está a ver com os olhos errados. Quem é você para me tratar assim? Se me faz essa pergunta, então está mais cega do que pensei. Eu já não percebo nada. Perceberá, garanto-lhe! Onde pensa que vai? Venha aqui! O chão está muito instável. Oiça, volte aqui! E por mais que Catarina lhe gritasse para que não avançasse mais passo algum, nada o deteve. Ele avançou pelo corredor fora, virou à esquerda e sumiu-se da vista de Catarina.

Estava sozinha naquele casa, novamente. Mas sentiu-se rodeada por tantos corações que não saberia dizer se era o seu que se explodia peito fora ou se eram outros corações em que ela quase tocava, mesmo sem os ver.

O espaço na direção oposta à desaparecida esquerda era uma sala estranha. Mas era sala. Tinha paredes. Tinha fronteiras, mas também tinha passagens. De um lado para o outro, passava-se algo ali. Se calhar passeavam. O que sabia é

que também ela estava a passar ali. E ia em direção a uma escada. A esquerda é sempre o lugar do pulsar da alma e tinha de o seguir. Com o cheiro a charuto, com o tilintar de copos e com o burburinho das vozes, a sua cabeça rodava para melhor tentar ver e ouvir o que estava a ouvir e a ver. Mas melhor não ficou. Seguiu pela esquerda. Seguiu a sua intuição e acabou subindo uns tangentes degraus. Não subiu muito alto. Acercou-se-lhe uma dor no ventre que a fez apertar-se toda, em pensamentos. Manteve-se erguida, mas escorria-lhe pelo corpo a dor de se estar a esventrar. Nunca estivera grávida. Nem sabia porque estar a pensar nisso, mas parecia-lhe que um ser revolvera-se dentro dela, gritando por um ar que já lhe faltava de tanto amarrado ter, sempre, vivido. A dor passou. A sensação de vazio não. Pensando bem nas coisas, que vazio era aquele? Aquele seu sempre sentir uma constância vazia?

No topo das escadas, havia um quarto. Ao ver uma cama virada para os pés da casa e Catarina sentiu-se deitada e tão viva ali se sentia, como quando passara pelos passos da escadaria exterior, absorvendo o ar que teimava cheirar as cavalariças familiares. Estava tão viva por entre aquelas paredes que nem se lembrou mais o porquê de ter subido os degraus nem tão pouco da dor que tinha sentido antes de ter colocado pé, naquele solar.

Passou-se algo. Quebrou-se algo cá dentro. Ajeitou-se-lhe algo. A falta que antes sentia foi justificada – não preenchida, mas compreendida. Estava num lugar onde se estranha a pele.

Pelo menos, despertou! – ouviu dizerem-lhe.

Carolina Cordeiro nasceu em Ponta Delgada, Portugal. É licenciada em Estudos Portugueses e Ingleses, Mestre em Língua Portuguesa. Publicou os primeiros poemas na coletânea *The International Who's Who in Poetry* (International Library of Poetry, 2004). Em 2013, editou o primeiro romance histórico *No Meu Tempo* (Pastelaria Studios); em 2015, apresentou o segundo volume, o romance *Naquele Tempo*, pela Letras Lavadas. Em 2020, publicou um diário *3.6.5 Ou Um Dia de Cada Vez*, também pela Letras Lavadas. Participa

no *Azores Fringe Festival;* em 2014 foi a vencedora do concurso de poemas *Calendário Artelogy;* em 2016 foi a vencedora da 4ª edição do *Prémio de Escrita MiratecArts.*

.

David Ehrlich

Pornô Cult

@davidehrlichbrasil

Curitiba, Paraná

Abriu um novo cinema pornô no centro de Fortaleza. O espaço segue a mesma arquitetura tradicional de outros “cinemões”, como os fortalezenses os chamam, tais como o Cine Majestick: poltronas, uma tela improvisada, banheiros, bar, fumódromo e um corredor de cabines “privê”. Para adentrá-lo, é preciso subir uma rampa, ainda por calçar e por iluminar. Não há nenhum cartaz ou placa que indique o que será visto ali dentro, afinal a lei é enfática de que não se pode utilizar publicidade com linguagem inadequada ou vulgar. Mesmo assim, todos na região sabem o que há lá. Porém este não é qualquer cinema pornô: é um cinema pornô “cult”, um espaço alternativo para um público alternativo, sem deixar de ser um cinemão.

A inauguração foi bastante barulhenta, com assobios e gritos sendo ouvidos pela rua conforme uma pobre e velha funcionária abria as portas do novo espaço. Meninos vadios a insultavam, mal educados, e ela, por sua vez, lhes proferia de volta as palavras mais imorais que se possa imaginar. Não satisfeitos, os meninos começaram a forjar cantigas obscenas improvisadas, em exibição de desaforo.

Em meio àquela demonstração do que pessoas menos atrevidas ou liberais chamariam de “falta de moral e civilidade” enquanto reverenciavam o progresso e o processo civilizador ao espaço urbano da capital cearense, entrava o público da primeira sessão, e conforme comprava as entradas com a pobre velha, sentava-se nas poltronas. Muitos eram homens velhos, cultos, embora devassos,

que se iniciaram na pornografia em sua forma literal: com escritos sobre prostitutas – "*pornographos*", em grego –, referenciando a vida, costumes e hábitos delas e de seus clientes. A partir da escrita, começaram a colecionar pinturas, gravuras e fotografias obscenas, e só depois da maioridade é que enfim passaram a assistir a filmes e inclusive espetáculos explorando o lado sexual dos atores.

Quando todos estavam enfim acomodados, entra uma *drag queen* e fica de pé em frente à tela improvisada. Apresentando uma feminilidade escrachada e assumindo a identidade de uma mulher vulgar, a artista dava as boas-vindas ao público, e então prosseguiu recitando vários trechos de Hilda Hilst. Tinha claramente bastante estudo na escritora, pois havia decorado os trechos mais picantes de "Cartas de um Sedutor", "Do Desejo" e "A Obscena Senhora D". E aqueles velhos cultos e devassos arrepiavam-se conforme retornavam às leituras de suas adolescências, agora não mais buscando apenas a satisfação da descrição de seios e penetrações, mas também a satisfação intelectual de se sentirem mais inteligentes que o público médio de cinemões por entenderem tais referências literárias. O suspiro de prazer que a sala soltou foi quase uníssono enquanto a *drag queen*, inspirando-se no rompimento de tabus femininos do texto para potencializar a mulher dentro de si, recitava a afirmação de Hillé de que não se pode dispor daquilo que não se conhece:

– Ehud, não posso dispor do que não conheço, não sei o que é corpo mãos boca sexo, não sei nada de você Ehud a não ser isso de estar sentado agora no degrau da escada, isso de me dizer palavras, nunca soube, você se deitava comigo, mesmo não sabendo.

Após declamar um último poema das "Bufólicas", a *drag queen* enfim saiu de frente da tela, e o filme pôde começar. A história se apropriava de personagens dos contos de fadas, uma maga transformava um anão em um gigante viril, enquanto os outros seis anões faziam um *gang-bang* com uma fada,

tudo culminando com a chegada do rei e da rainha, que ordenavam a realização de uma orgia real.

Não era apenas sexo. Percebia-se que o diretor daquele filme pornô quis passar uma sutil mensagem em meio a todos aqueles corpos nus: uma sociedade distante sem nome, utópica, onde todos pareciam livres para fazerem o que quiserem com quem quiserem e com quantos quiserem. Era sexo, mas não era um sexo ocidental machista, misógino, homofóbico e bifóbico. Não havia ali qualquer discriminação, de qualquer tipo que fosse.

Nenhum dos velhos cultos e devassos do público, porém, pareceu entender a mensagem. Não porque eles estivessem entretidos demais com o sexo, todos eles já haviam passado há muito dessa fissura juvenil. Também não é que eles não entendessem do assunto: quase todos em algum momento já haviam ouvido sobre hierarquias de sexualidade, redes de poder sexopolíticas, controle dos prazeres, invisibilidade de práticas sexuais e de desejos, etc., etc. É só que tudo isso dizia absolutamente nada a eles. Todos aqueles velhos cultos e devassos tinham sua sexualidade privilegiada, sua posição sexual e social assegurada. E por mais sensato e intenso que fosse o filme, por mais que tematizasse desejos e sentimentos marginalizados, nada daquilo lhes entrava na cabeça. Para eles, aquele era apenas mais um pornô, e um bastante apelativo. Saíram todos do cinema decepcionados: esperavam mais de uma experiência de “pornografia cult”.

David Ehrlich nasceu em Detmold, na Alemanha, e reside em Curitiba-PR. Formando em jornalismo pela UFPR e especialista em Narrativas Visuais pela UTFPR. É leitor por paixão e escritor amador por vocação. Escreve contos, poemas e crônicas, tendo sua primeira obra publicada em 2017 através da chamada de contos do Jornal Cândido. Desde então, seus textos já foram agraciados em mais de trinta concursos literários, compondo antologias e revistas publicadas por diferentes editoras no Brasil. Entre outras atividades culturais, já escreveu também roteiros de curtas-metragens participantes de festivais internacionais.

Eduardo Ezus

React a O Amor Acaba

@ideia.cronica

Mossoró, Rio Grande do Norte

O rancor começa numa virada de vida, num desenlace inesperado; no cruzamento de pernas no café elegante, ou no cruzamento da avenida, na demora em responder ao sinal verde; começa na diferença entre os cabelos, a pele e o rosto, o nariz, a testa; na TV, com propagandas do impossível, do impensável, ele nasce no coração infantil; na vitrine reluzente, na cara fechada do segurança, nas câmeras direcionadas do shopping. Ah, o rancor começa no erro de digitação, no comentário mal acabado pela pressa, na visualização sem reagir, na não curtida; começa dentro do quarto, o quarto de sempre, da mesma cama, dos mesmos corpos, em tempo vário. O rancor começa na diferença política, na divisão do dinheiro, no último pão da cesta, e continua caminhando pelas ruas e repartições. Começa na história não resolvida, na descoberta das crueldades, no pedido de justiça, o rancor, e se aninha ao íntimo quando o amor ainda é uma ideia vaga; o rancor perambula eriçando poros, e parece sem motivo, só porque não vai com a cara; começa na demora em atender ao pedido – e na espera em ser atendido; na forma como o cardápio é jogado, na camisa de futebol; na mulher que subiu de cargo, passou a ganhar mais; na pessoa que dava pra ser bandido e se formou; o rancor escorre dos casarões da alta elite, que faz questão por cada centavo – e desemboca no papelão do barraco, onde se contam os centavos que ainda não se tem. O rancor começa na cerveja gelada de um dia perfeito, como uma cisma, e continua impregnando os cantos onde passa. Os

rancores se unem por motivos diferentes, e permanecem reunidos, disfarçados ou não. Os tempos difíceis, as crises sanitárias, nada acaba com o rancor, que parece ter raiz inerente ao humano. O rancoroso nem sempre faz algo a alguém – muitas vezes, pelo contrário, se recusa a fazer: o corpo morre baleado no corredor, o braço sai sem ser vacinado. O rancor nasce e cresce todo dia, para se desdobrar em violências cada vez menos esquadrinhadas. Parasita, até mesmo onde o amor habita, o rancor também se acha.

Eduardo Ezus, poeta potiguar, nascido em Natal, residente em Mossoró. Autor do livro de haikais Terça Diminuta, que foi contemplado pela Lei Aldir Blanc – RN; e do livro de poemas Cálida Noite, em edição pela editora mineira Margem. Além de poesia, escreve como colaborador convidado no site Os Epigonautas; no Jornal DeFato, para a coluna Espaço Jornalista Martins de Vasconcelos; além de publicações em portais diversos, como JOL-RN, O Mossoroense, Revista Littera, Blog da editora Margem, Potiguar Notícias.

Emília Passos

A primeira fa(s)ce humana

@passos_em
Fortaleza, Ceará

7h da manhã. Caminho lentamente até a escola onde trabalho. Os transportes coletivos passam entupidos de jovens-trabalhadoras-operárias das inúmeras confecções espalhadas pela cidade. A famosa rua Monsenhor Tabosa desfila para os turistas as mãos dessas mulheres.

Absorta pelo barulho do vai-e-vem da rua, pelo sol que já queima e pelo calor que já escorre... de repente, meus olhos vidram! Em minha direção, pequenos olhos pretos, delineados com forte lápis preto, face roseada de pó, lábios desenhados formosamente por um batom vermelho brilhante.

A infância solapada pelos tempos sem identidade, sempre a caminho da identificação, está ali sorrindo para o vazio, vem puxando sua mochila de rodinhas com cadernos sem pauta, com lápis coloridos e com lanches aromatizados.

Mergulho em desesperado torpor, todo o meu corpo dói, um soco na boca do estômago faz meu sangue fugir das veias e desaparecer no vácuo. Vertiginosamente minha memória vê os cabeludos de Woodstock com seus corpos nus manifestando saudável vida, o amor livre e a liberdade tomando os seus lugares de honra no palco, vê Paris incendiadamente existencialista, a marcha dos movimentos feministas e multicoloridos, Freud debruçado sobre a histeria e...

Estremeço... meu estômago continua revirando fortemente diante da cena. A uma distância média, vem aquela criança de não mais do que seis anos de idade sendo carinhosamente levada para sua escola infantil, por sua jovem mãe.

Eu vejo... a mão espelhada daquela jovem mãe delineando os olhos límpidos da menina com forte lápis preto, roseando as bochechas gordinhas de sua pele ainda molhada de líquido amniótico, tingindo de batom genital os lábios que ainda sugam leite materno. Eu vejo... a mão espelhada daquela jovem mãe vestindo o corpinho frágil da menina, a calcinha volumosa pela fralda descartável e o vestidinho rosa-colante. A jovem mãe brincando de boneca, com sua boneca andante – tudo isso desmoronou séculos.

Elas passaram por mim – com minhas pernas bambas continuei a andar, sendo empurrada pelo vento até chegar à escola – minhas jovens alunas me aguardavam e naquele dia estudaríamos poesia concreta.

Estava ali perdido, na esquina contemporânea, o frescor original da primeira fa(s)ce humana.

Emília Passos - Professora da Rede Estadual de Ensino do Ceará (SEDUC), especialista em Linguística Textual pela UFRJ(2000), mestra em Letras – Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (2007) e doutora em Letras - Literaturas Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais- PUC-MG(2016). Participou da Zines de Temporada – Homenagem a Clarice Lispector, da Editora Aliás, com o texto "A Coisa"; publicou pelo Blog @escritorasce, a crônica "Ensaio sobre o Intangível"; a crônica "O ano da Morte", publicada no Prêmio Off Flip 2021, é seu mais recente trabalho.

Felipe L. Cavalcante

Caju

@felpe.nope

Manaus, Amazonas

As esquinas das ruas próximas cheiravam a peixe, caju e pequi, as paredes das casas tinham folhagens murchas em torno delas, mas, em algum lugar, um ipê florescia.

Quando acordava pela manhã, o sol penetrando através da fresta das cortinas e chegando-lhe para despertá-lo, espreguiçava para fora a lassidão, se desvencilhava do cobertor enrolado em torno das suas pernas, levantava-se apenas de cueca até a janela, e olhava as folhas amareladas do ipê ao longe.

Ali tinha algumas árvores de pau d'arco roxo, que tingiam o cariri ressecado pelo sol como um tapete.

O ipê tem flores na cor branca, amarela, rosa, roxo e verde. Aquele era amarelo, bem amarelo, recendendo ao sol.

O calor da manhã chegava-lhe, despertava-o. Sorria por dentro, e por fora. Então descia a escada até a cozinha da casa dos pais, e, quase sempre, encontrava a mãe já desperta, coando o café na pia.

Olhava-a de longe por um instante. Naqueles momentos percebia o quanto sentira saudades daquilo, das pequenas coisas, os pequenos gestos que entremeavam-se em sua memória como água por entre minúsculas rachaduras.

E por isso voltara para aquele mês.

Tinha sua própria casa, um apartamento pequeno, mas que era seu, entre os semáforos, tráfego e o trabalho como assistente no banco.

Mas as pessoas tem raízes, assim como os igapós, e, por isso, retornou para a sua cidade natal.

Ali os dias eram lentos, descomplicados e quentes.

Quando o sol se levantava, sentia o suor descer a testa, o pescoço e as costas.

E o rio comandava tudo.

Lembrava-se de quando era um garoto brincando nas águas do rio.

Naquelas tardes de calor, quando estava de férias da escola e ninguém conseguia obrigá-lo a andar calçado, corria até o rio e se sentava bem na beirada e então ficava batendo os pés.

Tinham sido bons tempos.

O dia passou rápido, a tarde desceu com o céu avermelhando e os vaga-lumes surgindo com as estrelas.

Tinha um boteco na cidade com mesas de madeira ao ar livre da noite. Ali tocava música e bebia-se cerveja gelada ou uísque barato.

A noite estava quente com uma brisa suave e um gosto de promessa. Decidiu ir até o boteco. Escolheu uma mesa, pediu duas doses.

E então veio *ele.*

Viu do outro lado, conversando com um amigo, vestia uma camisa amarela e uma calça azul, o sorriso brilhando e um copo na mão.

A pele marrom e macia dele, os olhos castanho-escuros e brilhantes, tão brilhantes e os cabelos cacheados e volumosos.

Lembrava dele da infância, quando corriam descalços no chão de terra, pulavam a cerca, subiam em árvore e roubavam manga verde pra comer com sal.

E também roubavam os frutos mais maduros do cajueiro de uma vizinha em particular.

Riam-se do furto, da excitação diante do perigo de serem pegos juntos.

Juntos.

Será que ele ainda lembrava-se de tudo isso? Não, achava que não.

Pediu mais duas doses. E depois mais duas doses.

Os vapores do álcool tomaram-lhe o corpo numa vertigem gostosa, espalhando-se por dentro como doce derretendo e escorrendo pela garganta, mas depois lançando fogo pelas suas veias.

Levantou pra dançar.

Os risos, as cores e as luzes. Tudo girou e girou como o seu corpo solto na noite.

Quando parou, viu. Os olhos dele encarando-o. Em silêncio, o chamavam.

Aproximaram-se. Viram-se, não olharam-se. Engatou numa conversa.

Quanto tempo? *Sim, faz muito tempo mesmo.* Lembra de mim? *Sim, lembro de você, Marcos.* Vai ficar na cidade? *Só umas semanas.*

Riram de lembranças velhas. Outras tantas teias de aranha foram sacudidas dentro de sua cabeça.

Quando se deu conta estava com Marcos andando pelas ruas, rindo e com um braço segurando uma garrafa e o outro apoiado nos ombros dele.

Riram, riram e riram…

E então pararam. Os olhos se enxergavam.

A rua estava vazia. Nenhuma testemunha.

Sem medo, então, deram as mãos e correram pela noite. Entraram por uma cerca pintada de branco, espremeram-se contra a madeira.

A sua testa encostou na dele, os dedos dele segurando seu rosto.

Beijou-o.

A sua língua pediu passagem pelos lábios dele, invadindo aquela desejada boca, enrolando-se na língua dele, sentindo o seu gosto…

E mais nada existia ali, além dos dois.

Deixou-o beijar o seu pescoço, provar o seu suor. Gemeu.

Puxaram as roupas, desabotoaram os botões.

Os dedos se assenhorando do corpo, um do outro. Os lábios sendo exploradores na carne alheia…

Olhou pra cima, para as flores do ipê.

As pétalas amarelas estremecendo com a brisa noturna, algumas caindo suavemente, chovendo sobre os dois…

Na manhã seguinte a ressaca lhe matava. Tudo parecia um sonho distante.

Acordou cedo. Precisou ir ao armazém comprar algo e lá descobriu que Marcos era o dono do local. Quando foi pagar o café e Marcos lhe deu o troco notou algo a mais. Abriu a mão.

Ele lhe deu um caju.

Felipe L. Cavalcante, escritor e poeta de Manaus/AM, co-redator chefe do site de notícias de cultura pop Co-op Geeks, editor-assistente da Revista Égua Literária e membro dos podcasts As Baladas de Nárnia e Dossiê Snicket. Autor das antologias “Sinos Por Todo Lugar”, “Os Ratos e outras Histórias” e “Noites Sem Fim”.

Fernanda Claudia Araújo

Irrequieta Onda

@ferlou
Fortaleza, Ceará

A sensualidade posta sobre a brisa roubava a beleza de sua cor, ao mesmo tempo em que a languidez umedecia sua entrada, e ao molhar, esfriava a temperatura acalorada do dia.

Manhãs e tardes eram abrasadas pelo calor que calcinava suas partes e nem mesmo quando molhadas, arrefecia o desejo de permitir que se entrasse nela, envolvendo-se todo o seu corpo, com poucas partes cobertas, para permitir que o pungente umedecesse onde estivesse ardendo de desejo em entrar.

Não se saciava com todos que penetravam nela, e se envolvia com cada um, ora de forma mais branda, ora com a voracidade capaz de derrubar o desejo de ver o corpo quente sob ela, e só permitia que pudesse se levantar quando já rastejava até voltar a pegar o fôlego para abraçar outros que chegavam.

A imensidão transbordava em movimentos de ida e volta, às vezes preamar, às vezes baixa-mar, mas se arrebentava sobre quem queria entrar.

As oscilações que se deslocavam para formar cristas e vales, dentro de uma frequência acompanhada pela amplitude do desejo do dia, assim se comportavam.

Porém, nem todos a queriam, alguns temiam sua imensidão, outros o assanhamento de poder tirar a pouca roupa que tinham. Mas a beleza permanecia sob um convite salaz para nela penetrar.

Aqueles que não a queriam, transpareciam que a admiração existia, ainda que se permitisse que tocassem em seus corpos.

Assim é o mar de Fortaleza, onde as ondas na Praia do Futuro sensualizam a areia quente, ao mesmo tempo que recebe pessoas que se banham em suas águas.

Olhar a Praia do Futuro é observar um local suasivo a um enlace de quente e frio, de desejo e alívio, por suas irrequietas ondas.

Fernanda Claudia Araújo é professora da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Autora de diversas poesias, contos e crônicas publicadas. Autora do livro Contos que Conto (no prelo).

Flávio da Conceição

A gente mora dentro da gente!

@oflavioconceicao

Fortaleza, Ceará

Anos atrás, vi o poeta Mário Gomes em um dos bancos da Praça do Ferreira que fez do lugar seu escritório. Nos grandes centros urbanos, o hábito de descansar na praça, aos poucos está se perdendo, mas em Fortaleza sentar na praça ou na porta de casa com os parentes e amigos ainda é um prazer, mesmo que haja alguns riscos. Enquanto me acomodava ao banco, percebi ao lado um senhor que media, fiava e refiava o tempo.

O poeta Mário Gomes vestia um paletó preto desgastado. Preciso confessar, este poeta brasileiro foi mote de reflexões em uma noite de amor. Recordo o dia, o evento no Dragão do Mar, o céu de estrelas faiscantes e a sua poesia em projeções iluminava a noite.

Na praça, um papudinho desviou a atenção do poeta:

– Me dá um cigarro?

Mário respondeu com um sorriso, talvez recordasse o amigo Oswald de Andrade de encantos antropofágicos. O poeta deu o cigarro e levantou-se olhando do alto a tudo e a todos. Um desavisado sem o conhecê-lo julgaria: morador de rua. Contra essa limitação de pensamento ele se defendia: *Ninguém mora em rua não, rapaz. A gente mora dentro da gente!*

As poesias do Mário Gomes ajudam entender os enigmas da vida, seus propósitos, a essência da alma, a crueza da poesia, a vida em estado de arte – à

qual ele dedicou – e revelar os pontos cegos da sociedade. Poetas têm dessas coisas.

O senhor que meditava acerca do tempo, percebeu a curiosidade de um rapaz sentado ao lado e preocupou-se em desfazer qualquer imagem negativa do Mário Gomes. Afinal, não é de hoje que são chamados de loucos aqueles que contrariam a mesmice do mundo.

– Aí, disse apontando com a cabeça, é um poeta brasileiro que rodou o país... tem a poesia na carne. Ele come as ruas, deita com elas, lambe o céu, futuca as estrelas, trepa na lua, dá dedada no sol, dorme em diversas constelações e faz intriga no zodíaco para amar e ser amado por todas as mulheres. Ele gostaria de *criar outra humanidade, sem dinheiro,* acho que para dar origem a uma nova forma de vida na Terra, porque essa que a gente vive está com os dias contados. O poeta é um furacão de palavras doces e lindas. Grande Mário Gomes.

– O homem é importante e brinca com as palavras? Perguntou o desconhecido.

– Brinca, dorme, come, enfeita e floreia. Desculpe não me apresentar, Dedé ao seu dispor.

– Prazer, Francisco.

Francisco seguiu seu curso com a esposa e a filha que tinha o dom de falar aos pombos.

O tempo passou e disseram que o Mário Gomes falecera, mas outro dia eu o vi reencarnado na Praça da Messejana. O poeta transmutou-se em deus ao meditar o mundo do banco da praça.

Flávio da Conceição possui Graduação em História e Mestrado em “História e Culturas” pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). É professor do Ensino Fundamental no município de Itaitinga-CE. Atualmente, está desenvolvendo um projeto de romance.

Gabriela Vitalino

Ventania

@gabrielavitalinoo
Fortaleza, Ceará

Dizem que a Praça do Ferreira é um coração pulsante. Nela lateja a vida dos fortalezenses. Em meio ao mar de gente, é fácil perceber toda a dinâmica deste local. Prédios históricos oferecem sombra às pessoas tão abandonadas quanto eles. O sol castiga o couro cabeludo dos passantes, quando não os seus pés, com inesperadas chinelas quebradas. Os vendedores anunciam seus produtos espalhados pelo chão, enquanto mães buscam os livros didáticos dos seus filhos para mais um ano escolar. Ao longe um homem quebra cocos com a cabeça e vira um showman. Um homem-estátua também ganha seu público na esperança de ganhar o pão.

A vida movimentada traz todas as cores para a praça. Os pombos homenageiam as estátuas. Cenários culturais são inventados, e tem-se acesso à cultura com teatro, cinema, música, literatura, dança, pintura e artesanato.

Uma cena quase religiosa são os velhos senhores sentados nos bancos da praça observando os transeuntes. Passam trabalhadores, pedintes, estudantes, aposentados. O foco é sempre as moças, com seus vestidos e saias flutuantes para aguentar o majestoso sol cearense. Elas são esquadrinhadas desde o momento em que descem do ônibus abarrotado de gente até pegá-lo novamente.

É sempre um risco essas saias. O vento não perdoa e suavemente acaricia sua nuca, beija suas pernas, lambe suas coxas, até levantá-las em um ímpeto desesperado de insensatez. É um vento-pervertido, sopro-devasso, ar-tarado,

brisa-indecente, um frescor cínico, corrupto e depravado que não distingue idade. Mulheres, meninas, senhoras, todas que ousam desafiar o vento forte de Fortaleza, com a vestimenta, têm suas saias levantadas, em um ato de pura obscenidade.

Os velhos senhores sentados nos bancos da praça aguardam ansiosamente esses momentos. Quando acontecem, os olhos lascivos saltam sem pudor; descarados. Talvez seja esse, afinal, o objetivo de passarem o dia ali. O amigão-vento é quem faz o trabalho.

Esse regime autoritário de opressão sentencia as mulheres às abafadas calças jeans; quiçá um short. Os vestidos longos e as saias compridas aguardam o seu julgamento.

E, elas seguem seus caminhos para o trabalho, para a igreja, para a escola, para as compras, para a faculdade, para pagar as contas, para visitar um amigo, para almoçar.

Há quem pense no vento como um furacão, há quem pense nele como uma brisa. O fato é que Fortaleza é uma cidade quente e úmida, e na Praça do Ferreira o coração não é o único órgão pulsante.

Gabriela Vitalino nasceu em Fortaleza, Ceará. Nordestina, sonhadora, lufana e leonina. É graduada em Letras, pela Universidade Federal do Ceará. Tem especialização em Escrita Literária e é mestranda em Linguística - aquisição, desenvolvimento e processamento da linguagem. Participou de algumas antologias, como Pulsações (2016), Juízo Final (2019) e Histórias que nunca dormem (2020). Atualmente trabalha com revisão de textos. Publicou seu primeiro romance, Claros contornos de você, no início de 2021.

Gleice Ferreira

Orvalhada flor

@gferreirart81

Jequié, Bahia

Entre as frestas de luz que incandesce entre as coxas dela a percebo ali, desabrochar. "De florar"

Pétala por pétala a ser sugada à espera de seu miolo pequenino encharcar. Ei-la aqui na palma das minhas mãos, há exatos 7 cm da minha boca.

Pétala de textura aveludada, com um cheiro próprio de flor. Percebo que é a única de sua espécie. Pois a variedade das flores é extensa, intensa e pulsante.

Desejo provar o seu néctar.

A língua desliza devagar, sem pressa…

Vou tocá-la, saboreá-la, degustá-la até se orvalhar.

Da forma mais sublime e instigante fazê-la gozar.

Professora, atriz, escritora, operadora de luz e poeta, escreve desde os 13 anos, em forma de cartas e diários, desde então sua escrita só amadurece. Leitora de contos e poesia. Durante a pandemia que assola o mundo nos dois últimos anos, encontra na escrita uma forma de sobreviver e cultuar a ancestralidade.

Hermínia Lima

Ela

@herminia_lima_
Fortaleza, Ceará

A princípio, ninguém sabia quem era ela, embora vivesse estendida, largada, em postura devassa nos areais das dunas, num sempre ofertar-se ao sol que a possuía numa penetração profunda e quente, quase diária. Tinha na fala um sotaque nordestino e no semblante uma mescla de olhar índio-lusitano. Trazia bravura no nome e, na memória, muitas histórias que revelavam batalhas nas quais fortes guerreiros lutaram acastelados em um forte assentado à margem esquerda do riacho Pajeú e, segundo dizem, protegido por Nossa Senhora. Ela se lembrava de tudo... de cada detalhe desse passado de lutas ora inglórias e ora de glórias!

Quando menina, conviveu com os povos Anacé, Tapeba, Tremembé e tantos outros. Naqueles tempos, via feliz as águas escorrerem em suas veias de fêmea fértil, corpos d'água que regavam a terra onde viveram Iracema e Martim. E ela perdia-se em devaneios, imaginando-os brincando lépidos pelas veredas outrora caminhos de Iracema, a Tabajara de Alencar.

Quando jovem, viu desfilarem em sua frente outras mulheres famosas das páginas do Ceará. Nos primeiros anos de juventude, ela queria ser como uma dessas mulheres, uma diva, quem sabe? Talvez como a Emília, a Diva de Alencar. Depois, sonhou com a elegância de Aurélia, a Senhora exuberante dos salões cariocas. Mas nenhuma dessas a impressionava mais que Lucíola! Era com essa que ela se

identificava mesmo, de verdade, com a sensual concubina que encantou os salões do Rio do século XIX.

Quando mulher, talvez pela inspiração em Lucíola, seus gestos tornaram-se profanos! Gostava de insinuar-se, provocando viajantes e todos que pousassem o olhar sobre ela. Era difícil escapar dos seus encantos... vivia feito sereia, enamorada do mar e tinha botos que brincavam entre as suas pernas de mulher praieira. Era vaidosa! Cantada em verso e prosa, sentia-se musa, nunca intrusa, por isso, ousava estar em todos os lugares. Enquanto desfilava, espalhava, no entorno, o bálsamo do seu corpo tépido de mulher ensolarada. Seus seios, como serras, elevavam-se sob a transparência da blusa de luz que usava no fim da tarde. Seu colo era floresta verde onde mil espécies de pássaros cantavam cantigas de ninar, da aurora ao ocaso. Seus olhos de maresia eram marotos e dissimulados, como os de Capitu, a criatura de Machado. Nas ancas, carregava um rebolado que causaria inveja à Rita Baiana, a mulata de Aluísio, lá do Cortiço carioca. Estava sempre bronzeada, às vezes, em chuvas raras, molhava seus cabelos de algas e eles, escorrendo nas costas largas, serpenteavam sobre a pele salgada e viçosa. Era sempre uma presença quase obscena em cena!

Um dia, ela apaixonou-se pelo mar. Encantou-se e nunca mais desapaixonou-se. Seduziu e entregou-se. Doou-se, abriu-se, escancarou-se. Foi para ele amante dedicada e primorosa. O sol apadrinhou a união e desse enlace nasceram muitos filhos e filhas que se espalharam pelas serras, pelas praias e pelo sertão. O tempo passou e ela envelheceu...

Hoje, uma elegante senhora de mais idade, sente saudade dos tempos de outrora. Ainda é bela, ainda tem paisagens de aquarela, porém há algo que a entristece: secaram suas nascentes, mataram seus bichos, cortaram suas dunas, jogaram lixo nas suas praias, sujaram suas serras e a motosserra berra em seus ouvidos, cerrando suas árvores e destruindo os ninhos que tombam dos galhos decepados. Encheram seu mar amado de plásticos e o ar não tem mais a pureza dos tempos de Iracema. Por tudo isso, a pele de pelúcia, agora ressecada, envelheceu. Os

olhos, antes marotos, agora mareados, choram a degradação da fauna e da flora. As pernas e braços buscam os botos que boiavam brincando nas águas cristalinas, os ouvidos se esforçam para ouvir cantos de pássaros e o ventre antes verde está ficando cinza e seco.

Agora, na velhice, ela chora. Às vezes, se apavora. E clama e reclama! Pede socorro, pede que a salvem, para que ela volte a ter o verde da Fortaleza verdejante do passado, onde a lindeza e o viço da natureza faziam festa sem data certa para terminar. Ela, a nossa Fortaleza, antes plena de beleza, essa menina que se fez mulher; hoje, olhando para o mar que a envolve, ergue os seus braços, enquanto ele ergue as suas ondas, e, juntos, suplicam, em voz salmodiada, numa ladainha triste, clamando pela preservação das vidas que nela/nele ainda existem e resistem.

Hermínia Lima é professora e poeta. Mestra em Letras (1997) e doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2016). Servidora pública da SEDUC - CE. Membro da ALANE - Academia de Artes e Letras do Nordeste. Publicou os livros: *Uma Palavra Marcada Emoção e Consciência na Poética de Pedro Lyra, Sangria Azul* e *Sendas do Sacrário*.

Íris Cavalcante

Dá pra mim!

@iris_cavali
Baturité, Ceará

Há outra dentro de mim.

Não me reconheço nela, me olho no espelho e não sou eu, assim como também não sou quem as pessoas veem. Os sentimentos são meus, respiração e voz são minhas, mas não me admito nos odores, nos pelos que sobram, nem no desejo que se eleva do meu corpo.

Prazer, me chamo Dara, tenho 28 anos, trabalho no cruzamento da Barão de Studart com Beira-Mar, tenho até um amor, e muitos conflitos. A minha beleza assombra. Minha voz é como poema que se faz música. Meu sonho eu guardo num reservado da mente, enquanto trabalho e transpiro na proporção em que suor tem a ver com trabalho.

Faltam dez para a meia noite. Lua crescente, o vento morno me agride e o trabalho que faço também. Me tremo toda. As luzes urbanas compõem o cenário, os sons são múltiplos, ao contrário do meu silêncio interior. Ecos ressoam para dentro e além de mim. Há cheiros que vêm das ruas, dos carros, dos restaurantes, dos motéis. Estes cheiros me nauseiam. Duvido de quem sou. Uma estrangeira no corpo que habito.

Não Dara, não há tempo para o que os canalhas chamam de vitimismo, de mimimi. Há boletos bancários, faça a egípcia e finja o que precisa fingir. Incorpore a personagem que eles desejam, faça o número.

Não Dara, isso não é vida fácil, como dizem os imbecis. Não há moleza pra quem nasceu do lado de cá da linha do Equador, ainda mais assim como você nasceu. A terra ferve por aqui, uns trinta graus. Parece o mormaço do meio-dia, mas já será madrugada e sabe-se lá por quantos passaste?

Há uma alegria terrível quando tudo termina. Eu pego o dinheiro e dou tchau. Alguns querem mais, não há mais nada a oferecer além do que eu já dei e daquele vazio que pode sepultar alguém.

Alguns olham minha beleza com um inacreditável refinamento, deslumbram-se, apaixonam-se, mas há os rudes, os quase senis, os sem noção, os que têm traços de psicopatia. Estes são os que eu mais temo. Quero livrar-me deles, mas não é fácil livrar-me de alguns.

Dependendo das contas a pagar, passo alguns dias assexuada, me refazendo do vazio. Conheço minha expectativa de vida a partir das que foram mortas. Pelo menos eu deixei as ruas. Outras, não.

– Onde tu vai dormir hoje?

– Acho que no Dragão.

– Eu vou pra Ferreira.

– Vou dormir no Passeio.

– Eu na Gentilândia!

Temo pelo meu fim e o das minhas iguais, olho-as de dentro do meu medo. Do nascer num corpo estranho até a morte, o intermediário é o sofrimento para sobreviver, o desprezo daqueles que eu amava.

Fui abandonada quando ainda achavam que eu era um menino. O pai alcoólatra culpava a mãe, ele nos expulsou de casa. A mãe se prostituiu pra me dar de comer. Ela me deu de comer. Nos perdemos nas ruas, nunca mais nos

achamos. Não tive infância, servi à tara dos homens da família e da vizinhança, desde que desabrochei mulher.

– Dá pra mim, me-dá-Dara!

Faço o tipo mignon, clareei os cabelos, uso hormônios femininos para sensualizar meu corpo. Tenho um rosto jocoso e triste a um só tempo. Finjo-me maliciosa, mas tenho uma inocência quase absurda, dentro do possível a uma pessoa que não teve infância nem ternuras. Nada na minha vida foi educativo, tudo era julgamento ou censura. Minha sensualidade é uma agressão à sociedade. Nasci assim, não podem me culpar de ser quem sou.

Debaixo da minissaia, minhas pernas bronzeadas reluzem sob a luz. O rímel tinge de negro os cílios, meu olhar carregado de medos e perguntas. Falo devagar, como a saborear palavras, dizem que são trejeitos. Deito-me sobre o colchão que traz manchas do sexo de antes, e eu já estava ali, em vias de encenar o próximo capítulo.

Sou Dara. Nascida menino-homem chamado Paulo. É madrugada, vou ao supermercado 24 horas, gasto o apurado da noite com o sustento, volto para o quarto e sala onde sou a mais nova inquilina, consegui deixar as ruas depois de muito trabalho, corpo quebrantado como folhas de outono. Respondo às mensagens de WhatsApp do meu amor, que me ama às escondidas – ele me pergunta sobre o ganho da noite, se preocupa com nosso futuro. Ligo a TV para ver uma série no corujão, que se desenrola entre metanfetaminas, escolhas e consequências de uma história que ninguém escolheu protagonizar. Aperto o play. Ops, esqueci de pagar o boleto da Netflix. O controle escorrega da minha mão e adormeço com os anjos e demônios de ser quem sou.

Cearense de Baturité, residente em Fortaleza, mãe de João e Mateus (seu melhor texto). Escritora independente, organizadora dessa antologia, finalista Jabuti 2018 com Vento do 8º andar, autora de Por quem elas se curvam, Editora Rima Rara, 2021.

Ítalo Leite Saldanha

Do meio-dia até as quinze

@italolesald
Fortaleza, Ceará

Sou um paulistano morando no Ceará há quase uma década. Fiz o caminho inverso do meu pai que, ainda jovem, saiu de Quixeramobim, entrou no oco do mundo e foi parar na Terra da Garoa. Eu gosto de garoa, mas, contraditório que sou, vim morar debaixo de um sol impiedoso que evapora até ideias sobre chuva.

Esse sol vigia a gente lá do alto e dita algumas coisas por aqui. Exu (laroyê, Exu!) se beneficia talvez, com banquetes de frangos assados nas encruzilhadas dessas terras da luz. Graças a esse forno natural da estrela maior da nossa galáxia.

Um tempo desses saiu uns papos por aqui dizendo que o cearense tem mais ligação ancestral com vikings nórdicos do que com indígenas. O absurdo me fez pensar na tese da ancestralidade egípcia que, possivelmente, segue o cearense. Sim. Lá da terra de Tutancâmon, Hórus, o grande deus sol, ainda tem influências sobre nós, aqui na terra de Belchior (outra espécie de divindade com um belo bigode e ideias).

Certo! Você não precisa adorar Hórus. Talvez deus nenhum. Pode ser ateu convicto, mas o sol do Ceará você tem que respeitar.

Na Granja Portugal, periferia de Fortaleza, o sol dita as regras até do mercado. Entre 12h e 15h tudo fecha no comércio. Ninguém enfrenta o sol nesse período em que ele, com mais força, exerce seu poder. Eu mesmo compro tudo que preciso até as 11h, depois disso fica complicado. O capitalismo entra em declínio por aqui todos os dias. Ouso dizer que Karl Marx deve algumas inspirações a esse fato.

As ruas vazias, as bodegas fechadas, apenas os raios ultravioletas ocupam toda a cidade. Quem ousa enfrentar o rei de fogo nessas horas, pra ir no postinho de saúde ou comprar um cheiro-verde, amarga na mulera a ira do divino. Os mais velhos sabem bem como se trata os poderes de uma divindade assim.

Uma vez, um carinha novo, entregador num mercantil aqui da região, teve a sorte da sua vida. Quando na rua, depois de alguma conversa, combinou com uma jovem linda de se juntarem pra fazer o acasalamento natural do animal humano. Jovens, com a testosterona explodindo e lisos. Sem um real pra nem um din-din (que dirá pra um motel...), não puderam se controlar. Ele arrastou o olhar excitado de procriador e viu o terreno, com um pé de acerola, de propriedade de um velhinho. Dúvidas pra quê? Era ali mesmo o ninho clandestino de amor. Era a oportunidade da sua vida, ora mais! Foram lá. Arrancaram as roupas e começaram os passeios de palmas de mãos no mapa corporal um do outro. A sombra era pouca, pegava só metade do corpo, da cintura pra baixo, mas quem liga? O dono do terreno ouviu um barulho e foi verificar. Deparou-se com a cena frenética em sua terra. Ali mesmo, do lado da sua casinha. Não teve dúvida, passou a mão numa cebola que estava ali perto e lançou nas costas do afoito transante. Esse correu subindo as calças e sem olhar pra trás. A moça fez o mesmo, só que também arriava a blusinha. O velho gritava enfurecido: "Não têm vergonha não? Debaixo de um sol quente desse?".

Italo Leite Saldanha é ator, palhaço, e escritor. Paulistano radicado no Ceará desde 2013. Licenciado em Teatro. É fundado do Coletivo Inflamável, grupo de artistas da periferia de Fortaleza. Em 2018 foi cofundador do projeto Editora Gráfica Heliópolis, projeto apoiado pelo Rumos Itaú para abertura de uma editora para publicação de autores de baixa renda. Também é fundador do Slam do Helipa, campeonato de poesia falada em SP. Tem textos publicados em revistas de literatura.

Jacqueline Freire da Silva

Existir, resistir ou ceder à inexistência

.
@freire_jac
Baixada Fluminense, Rio de Janeiro

Estou aqui de um lado para o outro à procura do que sou, sou "eu" ou sou o outro que dizem que sou. É nesse impasse que cada vez mais vou me retirando e construindo uma Fortaleza. Não sei se é porque quero (acho que não!), estou sendo obrigada todo dia a entrar.

Não sou eles, mas também não quero ser. Mas fazem questão que me pareça menos comigo. Meu cabelo precisa ser alisado. Meu nariz, ícone de quem sou, na infância passou por maus bocados, tadinho, vivia preso num prendedor de roupa. Ele não afinou. Minha pele nunca foi alva. PARDA, é o que está escrito na minha certidão de nascimento. Mas sou PRETA. Mesmo que minha mãe não confirme isso.

Ora, ora, a Fortaleza se torna refúgio, mas é fuga, é alento, é escárnio. Não me querem na imensidão, sou forte demais – eu sei disso. Mas me fazem crer que o problema sou eu. Você enxerga demais o racismo, você interpreta o que não foi dito, "não foi exatamente assim". Cansaço. Me bate um cansaço. Posso ficar e dormir um pouco? Não adianta descansar, eles sempre fecharão a bolsa pra você, enquanto se aproxima. A vendedora nunca virá te atender ou só virá quando estiver acompanhada, por você sabe quem.

E aí? Já decidiram que entidade sou? Já entendi que para você sou o Outro que incomoda. A que traz lucidez ao que vocês não querem enxergar, não é?! As atrocidades, o racismo velado. É melhor se distanciar. Fique aí (eles dizem). Quieta (mandam). Estou me convalescendo, mas eu sei que sou um sujeito, com história, memória, mas que não aceita mais ditarem regras infundadas e que digam quem sou.

O impasse é ficar e me despetalar de tanto que me autoflagelo – por que nasci assim, é um mau agouro? Mas eu me acho linda, porque me veem assim? – ou é me entregar e viver sem me importar com eles e comigo. Ignorância é uma benção! Eu exclamo todo dia! Eu sei e eles sabem que eu sei. É pura, a mais pura perseguição. Sou estranha, mesmo que migrar seja direito. Sou preta, mesmo que minha cor de pele não devesse ser um problema. Sou mestre, mesmo que isso devesse ser complemento.

Fugir pode ser um bom caminho. E desistir? Nunca foi me dada essa possibilidade.

Eu já tentei fugir, mas as garras eram grandes demais ou os muros altos demais que eu pudesse transpor. Era por causa do meu corpo. Pra eles meu corpo não serve para ser inteligente, mas serve pra ser cobiçado, mesmo que seja novo demais, só 13 anos. Quais são as minhas ferramentas de luta? Naquela época, eu não tinha. Mesmo com um pai preto, minhas relações com o mundo nunca foram com um olhar racializado.

Fui me identificando com o sofrimento alheio, me reconhecendo em muitos aspectos. Sofrendo, chorando e escrevendo. Pude ver que minha vida é e sempre será enviesada pela raça e gênero.

Nunca fugir e desistir, já sabem. Enfrentei. Mas é tão doloroso enfrentar. É pesado demais. É ser rotulada de chata, intransigente. É sempre ser confrontada com “não é bem assim”, mesmo sabendo que significa “não quero ouvir sua dor, porque continuarei lhe causando”.

É melhor ficar na Fortaleza?!

Não dá! Eu não posso! Droga! O silêncio me machuca mais que o enfrentamento. Eu descobri! Mas estou sem aliados.

Só fica onde está, me dizem. Não se mexe, declaram. Se aquiete, pedem. Não pense, mandam. Eu já pensei em obedecer. Muitas vezes pensei em ceder. E já fiz! Mas só eu sei quais foram as marcas que reverberam até hoje, aqui dentro. Sei que retornei como um rolo compressor, mas foi deletério para o meu eu.

Eles estão à procura da minha existência? Não, da minha inexistência.

Assistente social, com residência em Saúde Mental e mestrado em Políticas Públicas e Direitos Humanos. Migração, refúgio, tráfico de pessoas e trabalho escravo foram e sempre serão interesse de estudo. Saiu do Rio de Janeiro (Baixada Fluminense) para Minas Gerais e agora se descobriu em andanças. Andando e se encontrando numa dança de complexidades. Os poemas refletem sobre si mesma e essas descobertas e incertezas.

MAR

Jaime Soares

@jaimesoares_mm

Vila Nova de Famalicão, Portugal

Que seca, ouço a toda a hora. Esperar pode dar cabo de qualquer um, excepto de mim. A espera de um primeiro encontro com uma mulher é a rainha das esperas. Mas a arte é deixar-me levar pela corrente. Aprendi com Cristo. Já os outros, não, navegam para longe de si mesmos. Sacodem a roupa, a espera salga-lhes o rosto, rangem-se-lhes os dentes. Ao cabo de alguns minutos, após a hora marcada, sentindo-se ancorados sem tesão, quais cascos no sopé de uma falésia, 100 olhos postos na feiura deles, implodem e tornam-se areias movediças. A implosão termina aquando da chegada de um outro contacto. Aqui nas imediações da Capela de São Pedro dos Pescadores o ar forma cada vez mais um balão fervente de sol, peixe e areias turísticas. Nestes lugares, o burburinho dos comensais está a derrubar qualquer som natural da praia e isso faz-me lançar ao calçado lágrimas do cantinho do olho. E até as conchas se esquecem de fazer o eco do mar se as coloco junto ao ouvido. Ao pé da praia de Mucuripe, a capela é como uma "alga-monumento" suspensa, passando despercebida. O turista besuntado com óleos da modernidade quer lá saber e navega para além ou para os bares. A construção resiste à passagem do tempo, a ruína de si mesma é uma mentira. Mostra-me a simplicidade das paredes e a cruz castanha tombada no telhado e sinto-me como que lavado em outras águas

da infância. Daqui a nada tenho encontro marcado com uma amiga do Tinder, porto seguro dos náufragos do amor, ou como é que alguém lhe chama? Isso. Também pesco lá tantas e tantas vezes que lhes perco os números. O lançamento é sempre o mesmo: deixar vir a mim as carpideiras. A mulher prestes a chegar é mais velha do que eu. Mas o conceito-chave dela tem que ver com fogosidade. Calham-me com frequência as maduras: beatas fogosas. Nunca me ignoram o mastro e, nestes tempos e nestas marés de ninfomaníacas, finco-me e fico-me na retórica: como resistir? Se se abrem, vêm, mexem, mordem, quem sou eu para dizer que não? Conforme planeado, trago no braço o tabuleiro de xadrez e no bolso, um daqueles ovos vibratórios de sucesso. É praticamente impossível encontrar sítios bons e com horário alargado para o xadrez, hoje em dia. Adoro jogar em silêncio e falta-me, por exemplo, sei lá, ganhar uma partida no interior da capela. Isso. Os ventos sopram a meu favor.

O encontro dá-se, por fim. Toda ela se veste de branco. Chama-me Pedro. Deixo-me estar e ela abraça-me. No abraço dou-lhe para a mão ensolarada o ovo, rimo-nos por detrás das máscaras, sinto-me espetado em duas rochas inclinadas. Abano-me todo quando nos separamos, de volta às peugadas de cada um. Tenho vontade de apreciar a rebentação das mamas da amiga do Tinder, mas abre-se-nos, entretanto, a porta da capela. Vamos para o interior sem apanharmos a sombra que nos deixa entrar. A sombra, ou o Senhor padre, também de máscara, esconde-se no confessionário para espreitar sem pressas o cenário, munindo-se, na batina, de um toco de água benta do sal consagrado. Monto o tabuleiro de xadrez no banco da frente e a mulher, ao alçar a perna, sorri e faz desaparecer o ovo por baixo do vestido. Em silêncio iniciamos a partida. Começa a amiga. Mal lhe como a primeira peça, um peão, que não obriga os jogadores a despirem nenhuma peça de roupa, ouço-a rezar a S. Pedro, vejo-a mexer num dos cavalos. Carrego no botãozinho do comando. A mulher saracoteia-se, benze-se, avança com o cavalo, peça cheia de protuberâncias rochosas. Então, invisto com uma torre, peça húmida nos dedos. O jogo desenrola-se segundo a previsão que eu

fizera em casa. Como as torres brancas e a mulher tira o véu e o escapulário. As pretas ainda em jogo: mantenho, então, o chapéu e o colar. Depois, ela come-me um cavalo e um bispo e tiro os sapatos e as calças. Capturo-lhe os cavalos e vejo-a despir o lenço aos ombros e o sapatinho. O jogo faz-me suar. Penso ser impossível comer-lhe a rainha. Quando me lembro, carrego no botãozinho. Vejo agora que o jogo é bom. Coloco a amiga em xeque. Como é óbvio, ela sabe que se apanho o rei, levo-lhe as cuequinhas brancas de linho. E sem olhar para trás. Ouvimos o padre tossir no beco e encolhemos os ombros quase em simultâneo. O xadrez dá cabo de qualquer um.

Xeque-mate.

Carrego no botãozinho, sem o recolher. Como é óbvio, a mulher tem de se deixar levar pelas ondas vibratórias, rumoreja ao longo das paredes da capela. Ajoelha-se para o sinal da cruz, despindo o prémio que me calha. Estendo as mãos em concha, ela passa-me as cuequinhas encharcadas. E ajoelho-me para o sinal da cruz e beijo o linho branco. Dirijo-me para a saída e observo a última série de bancos, que se movem e balançam e largam partículas de água. Olho para trás e os tímpanos passam-se-me ao estado líquido e é como morrer na praia. A amiga está ajoelhada e com o vestido subido e a perna aberta. Do confessionário chega-me o olho cintilante do Senhor padre. Estaco e engulo o mal: do meio das pernas daquela amiga do Tinder jorra a imponência do mar a subir.

Jaime Soares nasceu em Vila Nova de Famalicão. Licenciado em Línguas, Literaturas e Culturas e mestre em Estudos Anglo-Americanos, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Por outro lado, em 2018, Jaime Soares conquistou a primeira edição do Prémio Germano Silva Rotary Club de Penafiel com a obra *A cor verde* (Editorial Novembro, 2018). Trabalha na indústria têxtil e lê e escreve nas horas vagas.

Leide Freitas

Recordações

@leidefreitas2021
Capistrano, Ceará

Estes episódios aconteceram quando eu ainda estava cursando pedagogia na Faced-Universidade Federal do Ceará.

Quem conhece o local sabe que o campus é cheio de árvores frondosas e espaços onde os estudantes costumam ficar conversando, trocando ideias ou simplesmente esperando o tempo passar.

Meu curso era noturno, então eu pude testemunhar umas coisinhas aqui, outras ali, durante esse tempo, tanto no campus universitário como nos seus arredores.

Na época eu era ingênua, algumas coisas que hoje já estão banalizadas e todo mundo acha normal que aconteçam nos espaços públicos, eu ainda prossigo achando que não é normal e que certas coisas continuam sendo falta de respeito com as pessoas.

Eu morava na residência universitária feminina, localizada na Av. da Universidade, conhecida por todos os estudantes como convento, porque segundo os mais velhos neste local funcionava um convento. Eu vinha do interior e não esperava ver tudo que vi e viver tudo vivi durante minha estadia em Fortaleza.

Na primeira semana de agosto, eu estava me dirigindo ao RU, para quem não sabe é o Restaurante Universitário, isso mais ou menos por volta de seis

horas e já estava começando a escurecer. Observei que as garotas que também iam para o RU na minha frente, quando chegavam a um determinado ponto da calçada, gritavam e saíam correndo. Quando a terceira garota gritou eu já estava curiosa para saber do que se tratava. Corri para ver o que era e pasmem.

Em um ponto da rua tinha uma casa com uma calçada alta com uma árvore de grande diâmetro na frente. A pessoa que sentasse na calçada da referida casa, a princípio não seria visto por ninguém. Na referida calçada estava um senhor vestido com uma farda azul, de gari da prefeitura, com um chapéu de palha na cabeça caído sobre os olhos muito à vontade, olhando para as garotas e se masturbando.

Parei em frente ao senhor e perguntei: – O senhor não tem vergonha, na sua idade, de se masturbar assim, assustando as garotinhas que passam? Coloque já para dentro esse pintinho minúsculo. Se eu fosse o senhor teria vergonha de mostrar algo tão insignificante no meio da rua. Procure outro lugar para fazer isso, se eu te pegar aqui, de novo, chamo a polícia.

O senhor levantou os olhos assustados para mim e colocou os órgãos genitais para dentro da roupa. Não disse uma única palavra. Se levantou e caminhou na minha frente até dobrar a esquina e sumiu da minha vista.

Fiquei em frente ao RU um bom tempo para ver se ele voltava e durante muitos dias observei se ele voltara a seu posto, mas ele nunca mais voltou, ao menos, no horário que eu costumava transitar.

Outro dia estava caminhando nas proximidades da Biblioteca das Humanas quando fui parada por um rapaz de vinte e poucos anos que foi logo me perguntando se eu era universitária. Como a resposta foi positiva disse logo a que veio. Estava procurando universitárias para trabalhar como acompanhantes de luxo para empresários e outras pessoas ilustres e se eu estava interessada. Como eu falei que não estava interessada ele não perdeu a pose e disse que eu era muito bonita e que eu ia faturar uma "nota".

Em seguida me perguntou: – Gosta de pau grande? O meu tem vinte centímetros em repouso e quando está duro fica com vinte e três centímetros. Você quer ver?

Olhei para ele com aquela cara de “inacreditável” e só para ver até onde ele ia disse muito séria: – Quero. Por que não?

Me levou para o escurinho de uma árvore frondosa e abriu as calças para que eu pudesse ver o quanto ele era abençoado e falou: – Quer pegar?

Nesse momento, eu achei que já era demais e respondi: – Adorei seu pau, mas eu tenho trinta anos e não quero esse tipo de trabalho. Está perdendo tempo comigo.

E ele boquiaberto: – O quê? É mentira. Não acredito. Você aparenta vinte e poucos anos. Pegue o meu cartão. Tenho clientes que adorariam transar com uma mulher gostosa como você. Eu mesmo estou com o maior tesão em você.

Leide Freitas, natural de Capistrano-CE. Pedagoga, Especializada em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar; Gestão Escolar e Educação Inclusiva. Trabalha na Secretaria de Educação de Pacajus. Livro publicado: O Diário de Sabrina, pelo Projeto PAIC, Prosa e Poesia, da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Gosta de estudar, ler e escrever; de músicas, teatro, cinema, praia, campo, etc.

Lucas Porto de Queiroz

maçanetas e memórias

@nadanao.so.escrevendomesmo
Fortaleza, Ceará

lembrei-me da maçaneta da porta da casa em que cresci e essa lembrança, subitamente revista, me venceu por um instante a convicção de que o passado é um tempo controlado, um tempo que já se foi. porque se normalmente somos nós que pescamos uma memória, vez ou outra as funções se invertem – é quando é ela-memória que nos fisga, puxa, às vezes até dói.

com a maçaneta, fui lembrando, digo, sendo lembrado das portas (e não só das portas mas da madeira escura de que eram feitas, da força sutil mas não desprezível que demandavam de cada braço que as quisesse fechar ou abrir), das janelas (mas também da poeira que às vezes se acumulava naquelas persianas enormes de madeira firme, ou do cheiro de óleo de peroba que delas emanava quando eram limpas) e assim por diante, ou seja, em cada coisa lembrada eu seria capaz de catalogar muitas coisas menores dentro, daria um desenho lindo se eu soubesse desenhar.

tem muita memória na matéria de que somos feitos. espremendo mesmo, talvez tenha só memória e por isso não haja um bom envelhecimento sem que esteja preservada a inteira possibilidade da lembrança.

uma maçaneta de uma porta de uma casa: conserva-se muita força num objeto tão banal, às vezes. tanta que vai pra longe, beija o futuro: só depois desse episódio em que me sobreveio tal lembrança me dei conta de como a casa que eu sonharia em ter, hoje, assemelha-se em vários aspectos àquela em que plantei os

primeiros sonhos. é a memória rabiscando à minha revelia o que eu nem sou ainda.

nunca mais retornei ao endereço daquela casa, numa fortaleza de outrora. talvez um dia, por curiosidade ou infantil desejo de retorno, bata lá. e se não houver mais maçaneta, nem porta, nem casa, engulo em seco, suplanto a tristeza: quando se lembra, tudo vive ainda.

Lucas Porto de Queiroz nasceu em Fortaleza-CE. É professor de Linguística, Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo e autor do blog @nadanao.so.escrevendomesmo. Foi editor das revistas científicas Entrepalavras (Universidade Federal do Ceará) e Estudos Semióticos (Universidade de São Paulo). Ouve histórias, reinventa memórias e crê na linguagem como a mais fascinante faculdade humana.

Nanda Chinaglia

Fortaleza Secreta

@nandachinaglia.escritasou
São Paulo, São Paulo

Vida insana, inconsequente correria. Mal parava para respirar. Vanessa vivia assim, seu trabalho a cobrava. Advogada, recém-casada. No auge de seus trinta anos, linda e elegante, chamava a atenção por onde ia. Morava em um ótimo apartamento na zona oeste de São Paulo com o seu marido Felipe e o seu gato, Orion.

Sua rotina era cansativa, por isso, não pensava em ter filhos. Não agora. Quem sabe daqui uns dez anos? Gostava muito do que fazia, era independente e dona de si. O casamento foi uma opção, desde pequena sonhava em vestir-se de noiva. E não economizaram em nada, a cerimônia foi na Paróquia Nossa Senhora do Brasil e a recepção, para mais de 200 convidados, foi em um dos buffets mais badalados da cidade. A noite mais feliz da sua vida! Amava o seu marido e a paixão ardia forte em seu relacionamento. A Lua de Mel, na ilha de San Andrés, foi cem por cento caliente, uma paixão avassaladora, que eles não deixariam a rotina do casamento apagar.

Conheceram-se em uma festa de amigos em comum, Vanessa tinha vinte e quatro anos e Felipe, vinte e cinco. O namoro veio logo e, desde então, apenas viagens a trabalho os separavam por tempos mais longos. Momentos a dois eram ardentes e a paixão os levava a um mundo, em que problemas, preocupações e assuntos alheios, não entravam.

Uma fortaleza, como diziam. Uma fortaleza que era só deles, o sexo feito com amor e paixão era o rei, e Vanessa e Felipe, seus súditos fiéis. Obscenidade privada, obscenidade secreta, obscenidade velada. E, assim, seguiram a vida de casados, cada um com sua rotina de trabalho e seus perrengues diários.

A diferença? Eis a Fortaleza! Ao pisar em casa, nada mais os preocupava. Tinham um pacto: podiam até conversar sobre o dia, sobre algumas questões externas, mas a prioridade dentro de casa era o momento que tinham para ficarem juntos, para curtirem um ao outro, deliciarem-se em sua fortaleza de íntimas obscenidades, que, apesar de íntimas, eram igualmente transgressoras!

Vanessa seguia um ritual: ao chegar, largava a bolsa no sofá e corria para o banheiro, tomava um banho revitalizante e se perfumava toda, já imaginando o que viveriam naquela noite, somente ele e ela, em paixão ardente e amor sincero. A escolha da lingerie era o que mais lhe agradava, ela tinha uma coleção de fantasias e lingeries sensuais, que faziam Felipe subir às alturas!

Escolheu a fantasia de diabinha, uma micro calcinha vermelha rendada, um corpete bem justo, um tridente, e pequenos e pontudos chifres, que deixavam o look ainda mais sexy. Aprontou-se com sensualidade e aguardou a chegada de Felipe, que costumava recebê-la com beijos quentes, que já conseguiam deixá-la molhada só de se lembrar.

Ele chegou cansado, mas ao ver a esposa tão linda e sexy, renasceu em si mesmo e pediu um tempo para tomar um banho e ficar pronto para recebê-la em seus braços fortes, que a acolheriam com muito tesão e amor. Enquanto isso, Vanessa preparou uma mesa com queijos e vinho, um delicioso vinho chileno, que incendiaria ainda mais o momento.

Felipe se aproximou sem camiseta, apenas de cueca samba canção, abdômen exposto, que incitou movimentos, aproximação ligeira em beijos e mãos bobas. Bobas?! Desfrutaram dos queijos e do delicioso vinho, com muita alegria e um desejo iminente. Após o jantar, sentiram-se atraídos, como se procurassem o corpo um do outro, em um mix de amor e paixão incontroláveis.

Vanessa em um frenesi de tesão, o envolveu em seus braços e os beijos arrebatadores se sucederam, em sintonia ao desejo que crescia. Felipe já sentindo o membro completamente duro, arrancou o corpete da esposa e, com fervor, chupou seus peitos em doce deleite, que deixou Vanessa imersa em prazer. Seguiram até a cama e lá se entregaram ao amor e ao desejo que os consumia, o ato sexual para eles era muito mais que o sexo em si, era entrega, conexão, olhos nos olhos, confiança.

Gemidos da esposa, que gemia como uma loba, deixando fluir a sua mulher selvagem, o levaram ao êxtase, orgasmo que se tornava ainda mais prazeroso quando em sintonia com o orgasmo da mulher que tanto amava. Após o deleite sexual, ficaram um tempo se olhando, sorrindo, se admirando, em silêncio, pois as palavras, naquele momento, não se faziam necessárias.

Por fim se abraçaram e, em sua fortaleza de amor, dormiram um sono tranquilo, como se o mundo lá fora não mais existisse.

Nanda Chinaglia, mãe do Antonio e do Arthur, artista plástica de formação, terapeuta holística, poeta e escritora. Trabalha tanto com a escrita criativa e terapêutica, com textos relacionados às suas criações artísticas e ao seu processo de autoconhecimento, quanto com a escrita e poesia voltada para o público infanto-juvenil, que divulga no perfil do Instagram: @nandachinaglia.escritasou. Participações em diversas Coletâneas e Antologias Literárias.

Newton Dias Silva

O vampiro da Praça do Ferreira

@cabra_da.peste
Fortaleza, Ceará

O vampiro chegava sempre no final da tarde. Sentava sempre no mesmo banco, em frente ao prédio do Cine São Luiz. Fazia isso já há dezenas de anos. Ficava lá por horas a fio. Despretensioso, alheio a tudo ao seu redor, somente observava o vai e vem de pessoas. O olho exangue demorava em algumas pessoas, preferencialmente em mocinhas púberes. Esputava como um lobo.

Vestia um paletó surrado e fedido. Tal fedor era das sepulturas do cemitério São João Batista, onde era certo que pernoitava nas madrugadas de velórios. A palidez ocultava-se nas sombras. Tinha aspecto cadavérico, córneas opacas e livor mortis. Dir-se-ia que já estava morto. E era bem certo que estava.

Sentou-se certa vez ao meu lado. Desculpou-se. Viu a minha repulsa ao odor azedo que exalava. Perguntou se eu me importava se fumasse e ato contínuo acendeu um cigarro. Ensaiou um pequeno diálogo. Falou sobre o clima e como fazia tempo que não chovia. Culpou os construtores que com seus edifícios altos barravam a brisa que vinha da beira mar. A cidade estava quente era por causa disso, afirmou categoricamente.

– Antigamente essa praça era mais ventilada, logo no início. Em 1839 era apenas um campo de areia com um grande poço no centro, que funcionou até a década de vinte, quando o então prefeito Godofredo Maciel deu inicio a reforma. Era muito bonita. Hoje não, nem parece com a praça original.

Fez uma pausa ao ver passar uma bela moça. As narinas lupinas farejaram o perfume dela. O olhar opaco acompanhou-a até sumir de vista. Suspirou e maneou com a cabeça, como se reprovasse alguma coisa. Vampiros são como os cães, sentem coisas. Esquadrinham a presa. Sabem coisas ocultas. Sofrem por isso. São criaturas solitárias, depressivas, desenganadas com o mundo à sua volta. Conhecedores de mistérios e segredos sagrados. São eruditos e cultos, mas uma maldição os acompanha. Sofrem com uma dor implacável. A dor de nunca morrer.

O relógio bateu anunciando o fim de mais um dia. A praça estava ficando quase vazia. As lojas cerravam suas portas. Moradores de rua, como se fossem zumbis, maltrapilhos, se amontoavam debaixo das marquises. A noite já principiava a devorá-los. A funesta figura se levantou e pôs a mão magra no meu ombro. Senti um peso enorme. Ele recuou e sorriu. Os olhos injetados e opacos fitaram-me. Falou-me pausadamente, ofegante, diante do meu horror:

– Acredite meu amigo. A longevidade é um mal. Feliz daquele que tem um fim e doa suas entranhas de volta para a terra.

Newton Silva é chargista, jornalista e ilustrador. Começou a ilustrar a seção de quadrinhos do antigo jornal Tribuna do Ceará em 1985. Em 1988 passou a colaborar no jornal Diário do Nordeste. A tira Jujumento, o jumento elemental foi premiada como primeiro colocado no 1º Festival Nacional de Cinema de Animação, Quadrinhos e Games da região serrana do Rio de Janeiro. Foi agraciado para a coletânea de contos do Prêmio Literatura Unifor, edições de 2007 e 2013. Poema escrito em 1987, Navios Abstratos foi agraciado no ano de 2015 como Primeiro Colocado no XIII Concurso “Fritz Teixeira de Salles” de Poesia, da Fundação Cultural “Pascoal Andreta”, na cidade de Monte Sião – MG. Poema Ponte dos Ingleses foi agraciado no ano de 2018 no XX Prêmio Ideal Clube de Literatura.

Patrícia Baldez

A redação ‘Minhas Férias’ que nunca escrevi

@40_anos_completos
Brasília, Distrito Federal

– Mas eu quero.

–Você é louca. Tem gente ali.

– Não me importa.

– A gente vai ser preso.

– Eu já estou presa – disse ela ficando de joelhos. E os olhos pareciam mesmo algemados àquele homem.

Eu vi sem querer ver. De cara, na minha cara. Logo na minha primeira vez. Primeira vez em Fortaleza. Primeira vez assistindo a adultos brincarem nus e descobrindo que se beijavam em partes que eu não imaginava até então.

Contava apenas 14 anos, e não contei nada a ninguém.

Paralisei ali. E, ainda hoje, quando lembro, sinto uma parte de mim por lá. O Futuro no meu passado segue presente. Eu, ali, também presa por vontade, desejando o desejo alheio.

Sem pudor e com sal, soube pela primeira vez: tem um mar no meio das minhas pernas. Eu fui calor e ondas. Eu fiz ressaca guardada em segredo numa fortaleza.

– Vem comigo – ele disse, com um sotaque estranho, puxando meu braço.

Não sei se me confundiu com uma tal Iracema.

Reagi como um bicho acuado que corre e se esconde quando se entende caça. O instinto de sobrevivência tirou meu braço da armadilha e o trouxe de

volta ao corpo. Sem toca, me entoco na mesa do bar onde conversavam meus pais. Pais de menina.

Eu não deveria ter levantado da mesa. Eu não deveria usar short. Eu não deveria ter sorrido. Eu não deveria estar me tornando mulher. Eu não deveria.Ou a gente não deveria passar férias em Fortaleza, como nos avisaram. É perigoso!

Eu não conseguia entender o que estava acontecendo, embora fosse capaz de sentir. E sentia muito medo. Um medo cercado de curiosidade por todos os lados. Tornei-me uma ilha.

Ilha que talvez quisesse ser descoberta por um desbravador.

Mas talvez não.

Talvez quisesse pontes.

Talvez quisesse barcos.

Talvez fosse só nau sem rumo.

Talvez me tenha feito náufraga, sem terra à vista.

O corpo como o Sol se escondendo no fim de tarde.

A mente, Lua Cheia que se revela brilhante no meio do oceano profundo.

Se a gente vai deitar à beira mar, deve ter fortalezas para nos defender de ataques estrangeiros. O mundo dos homens é feito de invasões.

Dos 14 aos 41, uma vida. Tornar-se-ia o Ceará meu destino mais uma vez.

Na encruzilhada do medo, onde a gente para e se pergunta por qual caminho seguir, embarquei com passagem só de ida rumo às surpresas guardadas entre a fantasia e o fantástico. Acho que elas moram aqui.

Segue calor, e o sal que sai de mim vem da testa. É a idade, penso. Meio pausa.Não são férias.

Ou é permitido morar nas férias e ninguém me avisou?

Reencontro a Fortaleza enfraquecida. A obscenidade mais explícita é a fome que me encara em todos os sinais. Sinal vermelho. Sinal dos tempos. Pare.

Pare que eu só quero o vermelho que enrubesce a face quando mira o falo.

Pare que eu só quero o vermelho que enrubesce a face quando grita o que no fundo calo.

–Qual será o Futuro? – pergunto à Iracema.

E ela me responde torta, com o corpo pintado pelo ouro dos tolos,segurando um arco sem flecha:

– Não sei, menina-mulher. Mas seja forte.

Brasiliense de nascimento, no cerrado semeou duas graduações e dois filhos.

Na floresta,onde morou durante os dois últimos anos, plantou árvores e voltou a cultivar o antigo amor pelas palavras.

Recém-chegada para viver no Nordeste, vai regando um livro com a água do mar e conhecendo amigos de escrita por meio de Antologias.

Paulo Albuquerque

Insistências de um morto-vivo

@p.malbuq
Crato, Ceará

Fortaleza desconhecida, vida por entre brechas de pedras e tapumes, restos de conspiração. Talvez o fato de ter surgido de um forte, construção voltada para si mesma, ressalte o exterior rebelde ao domínio, alimente uma atração irresistível pelo que é proibido e velado. Estar fora de si será então um estado normal? Ser uma capital sertaneja; a eterna espera de uma modernidade; o cultuar a novidade pela novidade – tudo isso forma identidade?

Somos quase três milhões, aglomerado de desejos e insatisfações estendidos sobre vasto território. Seres moventes em domínios sobre rodas, pedestres deslizando em ritmos de caracol, ansiosos despachantes disseminando-se por calçadas íngremes e traiçoeiras, prontas a desmentir propósitos andarilhos. Uma condição teimosa em gostar, que talvez explique outro tanto de nós mesmos, regressando sem saber aos mesmos caminhos.

Esse cenário luminoso de cumplicidades e de sonhos dispersos renasce com os cheiros de ervas e de fumo da Governador Sampaio, desliza entre lembranças sem data e sem registro, passa pelas sombras de personagens exóticos do centro da cidade e por esquinas de casarios e de palacetes desaparecidos, repisados em estacionamento. Dá voltas por nomes rebatizados de ilustres familiares desconhecidos, contorna a extinta rua das Flores, dá voz a fantasmas de oitizeiros e às sombras dos cajueiros rebeldes contra o intendente

português, na Major Facundo. E logo mais adiante ELE ainda está por lá, mesmo invisível, obscuro e sufocado.

Ladeira abaixo do que foi o antigo quintal do Palácio da Luz, por entre sulcos da história, guarda tudo o que de mais repulsivo e de mais natural pode existir. Por vezes desliza imperceptivelmente, como quem mata o próprio movimento, digerindo novos e velhos ressentimentos. E no entanto esse seu eloquente silêncio é guardião de uma obscena verdade: a de que ele e nós somos um só. Aterrado, traído, de súbito rebela-se ao cúmulo das águas desrazoadas, transborda vozes de antigas brincadeiras de curumins e do quebrar de galhos e de folhas de amores violentos, em meio ao bugir de soinhos.

Lama esverdeada, podridão, cloaca viva de sacos plásticos e pública latrina, a transcorrer longe de nossos olhos cegos de transeuntes sem fé. Tu és heresia viva, estupro repetido uma, duas, dez, cinco mil vezes. És o espelho de taras indizíveis, o corpo esfoliado pela louca fome de lucro, o gozo infeliz que nega o próprio ser. E no entanto estamos contigo, Riacho Pajeú, e os que vão morrer te saúdam na igual sina da vida, retornante ao mar que a gerou.

Nascido em Crato, mora desde cedo em Fortaleza, descontados alguns intervalos em outras plagas. Desde que lembra sente-se atraído pelo mundo dos livros e pelo poder da narrativa. Lê de tudo. Tem dias em que até escreve (contos e crônicas).
Formado em Direito, com pós-graduação na área. Não adiantou muito: continua sem entender o que não tem explicação. Casado com Marta, com quem co-produziu Camila e Artur, dentre outras artes. Depois de viver meio século, acredita que os possíveis sejam viáveis, desde que os imponderáveis fiquem quietos.

Paulo Brasil de Andrade

Egossexuais

@paulobrasildeandrade

Fortaleza, Ceará

A praça redonda nunca teve encaixe na cidade de quadrados. Silva Paulet e Adolfo Herbster que o digam em seus túmulos revirados. Atrevendo-me a citar Nelson Rodrigues: bonitinha, mas ordinária.

Elitista desde sempre, o acesso por pedestres é uma odisseia. Tal e qual fortaleza medieval cercada por fosso de crocodilos, é protegida por carros importados que nunca descansam.

De uns tempos pra cá, virou palco de movimento devasso quase pornográfico. Ei, tome tento! Você aí já pensou naqueles adolescentes com vestes negras que ali ficavam aos sábados, bebendo, chorando e se lambendo. Os tais emos. Mas, não. Eles eram ótimos.

Agora, um punhado de iguais, clones sociais excitados em algo que só pode ser definido como egossexualidade. Vestidos de camisa da seleção, calçados de mocassins e sandálias parceladas, agarrados em paus de bandeira e juntos num coro frenético em adoração a um tal ser mitológico.

Das mãos dadas dos vários pai-nossos ao êxtase de olhos cerrados em “Gigante pela própria natureza, és belo, és forte, impávido colosso!” vivem algo que mais parece um culto pré-orgia. Triste é que seus participantes neguem seus desejos mais íntimos fantasiando-os de camaradagem da caserna que nunca frequentaram.

À vista de todos, suados, esbaforidos e cheirando a suor com perfume francês, deliciam-se com o incômodo que causam. Cada reação contrária funciona como um viagra político que enrijece o posicionamento apaixonado.

Que saudade dos emos! Só queriam tocar suas melosas músicas e beijar suas variadas bocas. Que falta faz o negro romântico no lugar desse ódio pálido.

A boa nova é que, como flores no asfalto, alguns outros vêm colorindo a praça. Além das cores de bragança e habsburgo, bandeiras encarnadas e arco-íris enfeitam a nossa democracia. Que o amarelo de terror se torne adubo pra um jardim multicor.

Qualquer quimera que substitua a atual é válida.

Paulo Brasil de Andrade, de Fortaleza, ex-estudante de Direito, ex-estudante de Medicina e empresário. Agora, escritor.

Paulo Henrique Passos

Envelhecer

@paulohenrique.passos
Fortaleza, Ceará

Se encontraram num bar.

– Tu lembra da Mesbla?

– De quê?

– Da Mesbla. Minha tia trabalhava lá.

– Nunca ouvi falar.

– E do Romcy tu lembra?

– Nam

– Ficava ali na Barão do Rio Branco com a Liberato Barroso. Eu ia às vezes mais a minha mãe.

Tomou mais um gole:

– Mas do Jaspion tu lembra, né?

– Lembro não

– Nem do Jiraya?

– Eu não

– Acho que eu tô ficando velho mesmo.

– Que nada, meu amor. É que você só curte as novinha, lembra?

Paulo Henrique Passos é professor e escritor. Mestre em literatura pela Universidade Federal do Ceará. Faz parte do Pintura das Palavras (@pinturadaspalavras), espaço online no Instagram, YouTube e Facebook destinado à formação de escritores. Publicou o livro de

contos *Sindicato dos deuses* (Substânsia, 2015) e integrou a *Antologia de Contos LiteraturaBr* (Moinhos, 2016) com o conto *A Verdade e a Vida*. Está escrevendo segundo livro de contos, *Reality*.

Rejane Nascimento de Sousa

Antes da próxima parada

@rejanenascimentosousa
Fortaleza, Ceará

O sol inclemente não queria se despedir daquela tarde de desafios cotidianos da maioria da população da capital do Ceará, portanto seus raios atravessavam os vidros sujos da Topic 57, que vai do Centro ao Vila Velha, bairro que acomoda nos jornais elevados índices de violência, mas que guarda em casas e casebres os tipos humanos mais divinos, como em toda periferia. Naquela tarde, a 57 estava mais lotada do que nunca! Mentira! Acho que ontem estava bem pior.

Mal encontrara aquele cantinho para me fixar, em pé, equilibrando-me entre um espaçoso homem e uma adolescente mascante profissional de chiclete, esforçava-me para parecer distante dali, embora cada rosto cansado, suado, feio ou bonito, se me apresentasse como um convite a vários mundos. Sandices de quem escreve. Aflita para chegar em casa e aposentar por dois dias tantos afazeres, meus pensamentos se alternavam entre o que faria para o jantar e em como terminaria o conto que começara no último fim de semana. Foi quando ouvi logo ali perto de mim frases bem articuladas, trocadas com o motorista:

– Boa tarde, cidadão!

– Boa tarde – respondeu uma voz mais baixa.

– Estamos numa operação preventiva em busca de armas e precisamos de sua compreensão para que os passageiros desçam e façamos a revista.

O motorista falou firme daquela vez:

– Pois não, à vontade, senhor.

Logo hoje – balbuciou meu pensamento.

O que se viu a seguir foi o tal fardado pedir aos homens que descessem e as senhoras ficassem no veículo.

Enquanto os homens se movimentavam para atender a ordem disfarçada de pedido, ouvi subitamente um ruído de algo que caía propositalmente naquele tempo e espaço inóspitos. Som abafado. Sempre tive audição ofídica – herança da vovó.

Tão rápido quanto o som do objeto alcançando o chão da 57, foi a dança das senhoras para ocupar os assentos agora disponíveis, já que os senhores desciam mal respirando, porque na Topic 57 todos são culpados até que se prove inocência. Uma festa! Por que não ocupei a cadeira vazia logo ali ao lado? Porque sempre fui mais rápida com as palavras do que com os gestos.

Conformada com meu lugar, avisto uma mulher exagerada em gestos sentar-se na dita cadeira ociosa e quase ao mesmo tempo outra soltar um grunhido enquanto a cutucava: "o-lha, mu-lher, u-ma-fa-ca".

A exagerada assustou-se e seu grito cortou a indiferença de todas: "Onde?! Onde?!"

– Embaixo daquela cadeira! — segundo grito de uma terceira senhora.

É claro que todo esse movimento chamou a atenção dos fardados lá embaixo e o chefe da operação estava outra vez dentro da 57 e logo começou a interlocução:

– O que foi? – perguntou ao mesmo tempo em que a mulher apontava com uma expressão entre nojo e medo para uma suposta faca enrolada em papel craft – onde estava essa faca, senhora? – indagou o fardado já de posse da pontiaguda e envelhecida arma branca, que ele fez questão de exibir, como se espada fosse.

– Seu guarda, eu sentei aqui e ela – apontando para a mulher que primeiro tinha visto a faca – me mostrou.

– E a senhora não sabe quem estava sentado ali? – gelei ao ouvir essas palavras, e minha mente evocou a imagem do homem que levantara, o barulho...

A resposta foi um sonoro não!

– Vocês sabem que um homem que porta um objeto cortante desses não pode querer boa coisa. Só espera uma oportunidade para fazer um estrago em qualquer cidadão (reparei que ele não dissera de bem, todo cidadão é de bem?) – e o que a polícia pode fazer? – continua o gentil fardado – Nada! Porque a população não colabora. Sei que nenhuma de vocês sabe quem estava sentado ali e que antes de ser rendido, o homem soltou esse objeto perigoso para se livrar do possível flagrante.

Rendido? Flagrante? Então, ele não era um cidadão de bem? Meu pensamento teimava em falar comigo, e eu tinha resolvido parecer um poste, se alta fosse. Resolvi usar a técnica dos três macaquinhos: não vi, não falo, não escuto, e guardei bem minha respiração.

– É isso... Não tenho como levar tantos homens para a delegacia. Vou apenas confiscar essa arma para que não tenham uma surpresa na próxima parada. Obrigado – encerrou desapontado o policial.

Meus olhos encontraram outros dois piscantes lá embaixo. Eles escanearam minha alma. De certeza ele era mesmo o dono da tal faca. Franzino, ar indolente... não me pergunte como cheguei a essa descrição. Intuí. Todos de volta aos seus lugares. A mulher exagerada não saiu do canto que ocupara e claro que o bendito homem ficou logo próximo à porta por onde daria adeus àquela confusão. Quando ele desceu, agradeci a Deus em silêncio o tal desfecho, pois sortuda como sou foi um milagre não ter sido presa por omissão.

De repente, como em um lampejo, tive uma ideia! Tirei da bolsa o celular e teclei no bloco de notas: Periferia de Fortaleza. Dezoito horas. Uma voz aguda corta o barraco apertado: "Ana Sara, cadê teu pai? Não sei onde aquele traste colocou a peixeira cega que há um mês peço pra ele amolar! Agora, como é que corto essa banda de frango? Ah, meu Deus, tudo me atrapalha!"

Sorri para mim mesma para não levantar suspeitas. Pronto! Pelo menos já sei como terminar meu conto: “Obscenidades de minha Fortaleza”.

– Motorista, por favor, na próxima desce! – tive de gritar, o cordão nunca funciona.

Rejane Nascimento de Sousa, nascida em Fortaleza-CE, estudou Letras na UECE e Contação de Histórias na Escola de Narradores; revisora textual, contadora de histórias e autora de quatro livros infantis: *Luís Andarilho* (Selo Baú de Ideias), *Aconteceu em Agridoce, Sorriso e a verdade* (Hedra) e *Maria Andanças* (Premius), coautora de contos em coletâneas e antologias, faz da Literatura seu ofício diário.

Renato Pessoa

Ela partiu

@renato.pessoa
Fortaleza, Ceará

O amor é esta coisa que nos torna aves em voos suicidas. Talvez algum desagradável poeta ouse um dia perscrutar as névoas fundas desse sentimento que nos fragmenta, e nos aumenta em nossa pequenez, e consiga, com alguma palavra humana, nos dizer o que é. E, sobretudo, explique que mistérios inerentes fecundam o fim dos amores. Até lá, seguimos rasgando o peito, bebendo lutos, remoendo a perda de nós mesmos, buscando, em vão, esse pedaço de relva inóspita que chamamos de eu. Porque um amor perdido é um vão largo estendido em nós. É o luto mais radical: perder um amor é, durante certo tempo, está deserto de nós mesmos. No luto amoroso, a falta que se apresenta não é a do outro, mas a de nós mesmos. Estamos ausentes não daquele que partiu, mas deste que ficou.

Medito tudo isso enquanto ouço meu amigo dizer: "Ela partiu". Na mesa do bar, entre goles de cervejas, salgadinhos, prosaísmos e fumaça de cigarro, ele confessa a separação, o fim inesperado do amor que ele julgava longo. Balbucia razões, com a voz indecisa, buscando palavras acertadas para consolar-se, que a vida é assim mesmo, há pedaços de morte em cada instante, que a finitude é, a rigor, o sentido total dos viventes, e que deseja o melhor para ela. Acabou, mas, afinal, foram felizes naquela curta eternidade.

Ela partiu! É para ele a constatação mais triste do mundo. Ela partiu, ele me diz, e com ela vai-se também um certo modo de ver as coisas. Com ela, vai-se também uma outra comunhão com o mundo. Com ela, partiram-se os nomes

dos filhos, os shows planejados, as viagens e os risos. Sem ela, agora, as noites de sábado no Art Visual Bar são medonhas, tristes, acinzentadas. Sem ela, agora, o Maculelê Bar é uma moldura disforme, carente de vida e transfigurada de solidão. Sem ela, ele me diz, até o hambúrguer de feijão (que eles adoravam) é uma paleta de sabores. Ela partiu, mas ficou a sua marca nos lençóis, o cálido cheiro de seu corpo que ainda povoa a casa. A ausência presente dela o acorda, no seio da madrugada, quando inexplicavelmente ele pressente a sua sombra. Ela se foi, ele enfatiza, mas deixou o conjunto de gestos, de odores, de formas, de sabores, um mosaico de vida que ambos construíram na aurora daquele amor.

Eu sei, os desiludidos do amor têm vocação para a hipérbole. Mas atire a primeira pedra cartesiana quem nunca chorou sozinho, sob os escombros da saudade e da desilusão, nem vestiu-se de cinza depois de levar um toco, nem feriu-se de morte ao ver o ex-amor caminhando feliz, em libertas risadas com outro alguém.

O meu amigo é aspirante a filósofo. Porém, nesse momento, de nada serve ler o Banquete de Platão, ele não precisa ouvir Fedro. Também será inútil as cantigas de amor do Trovadorismo, os sonetos da paixão idealizada e puritana dos poetas do romantismo alemão ou de Álvares de Azevedo. O meu amigo está ferido, tragado na luxúria do abandono. Todos os seus gestos estão amontoados de uma ausência que tem um nome, um endereço e um cabelo ruivo. E não importa o racionalismo, a Dialética do Esclarecimento, o anarquismo, Marx ou as causas sociais. Que importa a luta vegana, os projetos de libertação do proletariado e dos animais? Nesta noite ele é o moço em cuja fronte mórbida anuncia-se publicamente: perdeu um amor!

Estamos no Rizomas'bar. Sobre a mesa de plástico há garrafas de cervejas, maços de cigarros e alguns livros. Um vento miúdo passa, indiferente. Pessoas riem na mesa ao lado. As prosas misturam-se aos rumores da rua. Com mãos frias, ele acaricia a barba, olha longínquo, desapegado das divagações dos amigos, vez ou outra bebe um gole, dá outro trago. As luzes, embora acesas, não

diluem as penumbras. Toca Tim Maia: “Ela partiu. Partiu. E nunca mais voltou. Não voltou, não”.

Renato Pessoa é escritor, crítico literário, ativista e professor de Filosofia. Estudou Filosofia na Faculdade Católica de Fortaleza e na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Publicou, em 2011, O Corpo Arcaico. Em 2012, publicou Solidão Singular. Em 2014 organizou o livro Retratos De Abismo E Outros Voos – Antologia De Poetas Cearenses Contemporâneos. Em 2016 publicou A Paisagem Da Febre. Em 2017, publicou O Homem do Último dia do Mundo. Em 2018, participa do livro Cinco Inscrições da Mortalidade. Em 2019, participa da antologia Resistências Escritas. É um dos criadores do Sarau O Corpo-Sem-Órgãos. É um dos idealizadores da Escola Popular de Filosofia. Em 2021, publicou dois livros: Este Que Nunca Soube Dar Nome às Pedras e Os Órfãos.

Tine Cabral

Quem fode quem?

@_liber_tine_
Fortaleza, Ceará

Sou puta e nasci filha da puta. Explico. Minha mãe nasceu no interior do Ceará na década de 1980, aos dez anos de idade, foi trazida para Fortaleza para ser mais uma "menina que mora lá em casa". A promessa de estudo na capital, com direito a ser "quase da família", na verdade mais parecia com trabalho escravo em troca de comida e teto. O pouco dinheiro pago sob o nome de salário, do qual ela não via nem a cor, era enviado para o pai no interior.

Aos dezesseis anos, caiu nas garras do filho dos donos da casa, um rapaz de dezoito anos, pele bronzeada e olhos verdes. "Você é a minha Cinderela" – dizia ele, enquanto a penetrava no quartinho minúsculo do condomínio de luxo. E ela acreditava. Delirava na cama com ele à noite e passava o dia sonhando acordada com o amor eterno que viveriam quando ele entrasse na faculdade, que ele não sabia ainda nem qual seria.

O conto de fadas acabou no dia em que se descobriu grávida. O "príncipe" falou para a família, na frente dela: "Eu nunca encostei a mão nela". Ao que a mãe do rapaz respondeu: "Saia da minha casa, sua puta".

O primeiro pensamento foi voltar para a casa no interior. "Não quero filha puta em casa", foi a resposta do pai, com ódio por ter perdido a renda do trabalho dela.

Puta para a sociedade, puta para a família. E assim eu nasci "filha da puta". Pouco importava quem ela era de verdade.

Ainda grávida passou algumas noites embaixo de um viaduto, só chorava: de fome, de solidão e de desespero. Até que a empregada do apartamento vizinho teve uma de suas folgas quinzenais e a convidou para morar na casa dos pais dela, na periferia da Praia do Futuro, onde ficamos até eu fazer dois anos, quando minha mãe conseguiu outro emprego em casa de família e um barraco em uma favela mais central que facilitaria o transporte.

Até meus cinco anos uma vizinha de barraco cuidava de mim enquanto minha mãe trabalhava. "Cuidava" era modo de dizer. Na verdade, passávamos os dias em calçadas do Centro, na Praça dos Leões, ela me fazendo pedir dinheiro aos transeuntes.

Do dia para a noite tudo mudou. Não tenho ideia se foi algo que eu contei, ou algum comportamento meu que apavorou a minha mãe e a fez cortar relações com a minha ex-"cuidadora". Felizmente não tenho lembrança dessa época. Minha mãe nunca me contou essa parte da nossa história, e eu, de alguma forma, sempre achei melhor não perguntar.

Por um milagre, minha mãe conseguiu um emprego numa casa cuja dona permitia que eu ficasse no quartinho enquanto o serviço doméstico era feito.

Graças a esse trabalho, tive a oportunidade de estudar numa escola pública, mesmo passando a auxiliar não remunerada da minha mãe. Estudava e dividia o trabalho, afinal o dinheiro dela era para nós duas.

Até que eu fui o alvo do dono da casa. O meu "candidato a príncipe da Cinderela" não era um rapaz irresponsável, era o dono da casa, o homem de bem que fazia leitura do evangelho todo domingo, que proibia a filha moça de usar determinadas roupas, mas que não se absteve de invadir o quartinho quando eu tinha quinze anos e tentou me pegar a pulso depois que recusei a investida. Consegui escapar graças a uma joelhada certeira.

Na semana seguinte nos expulsaram sob acusação de roubo. Sem dinheiro da rescisão do contrato de trabalho – sob a alegação de que a demissão era por justa causa – e sem provas.

O que os moradores não previram, era que, enquanto me fazia de serviçal invisível, permanecia atenta a tudo e todos, para conseguir aprender o máximo possível sobre tudo o que chegasse aos meus ouvidos. Eles não sabiam que quem mais desfrutava objetivamente da biblioteca da casa era eu. A família usava o espaço apenas como sala de estar para pequenas recepções, quem lia tudo o que tinha naqueles livros era eu, escondida no quartinho dos fundos.

Logo, eu sabia dos direitos da minha mãe e sabia onde encontrar ajuda necessária. Uma defensora pública conseguiu um bom acordo judicial, que somado ao FGTS foi o valor necessário para darmos entrada numa casinha de periferia, financiada, mas nossa.

Hoje tenho 25 anos e curso Direito em uma universidade particular, bancada pelos meus serviços de acompanhante de luxo, vulgo puta. Minha mãe não gosta do meu trabalho e sempre me pede para parar e arrumar um emprego digno.

"Mãe, a vida toda você trabalhou de forma digna, e todo mundo só te fodeu. Sim, eu sou fodida por velhos babões, mas, enquanto eles estão vindo com o milho, eu já estou voltando com a canjica, a pamonha e o cuscuz. Eles gostam de me exibir para os outros velhos babões. E eu preciso estar onde eles estão, ouvir o que eles falam. O fato de me olharem apenas como uma puta bonita faz com que presumam que seja burra. Impressão que faço questão de confirmar fazendo comentários imbecis. O que eles não sabem é que eu entendo todas as tramoias e as pilantragens corporativas e licitatórias, mesmo quando usam figuras de linguagem ou duplo sentido. Hoje eles me fodem. Mas deixa eu me formar para ver quem vai foder com quem."

Tine Cabral é psicóloga por profissão, formada em Letras por paixão. Atualmente graduanda em Filosofia. Histórias sempre fizeram parte da sua vida. Desde a infância como leitora. Na clínica psicoterapêutica trabalha com pessoas que buscam ajuda profissional para que se

tornem protagonistas das próprias vidas. E recentemente passou a expor para o mundo as histórias que imaginou ao longo da vida.

Vâniia Queiroz

Quizila

@painel.lua.liinda
Fortaleza, Ceará

Gênio, como era conhecido, estava nos arredores do Dragão do Mar – ponto turístico da cidade de Fortaleza. Gênio era um artista. No requebro do seu corpo cor de cacau, ele mostrava sua arte e a elegância dos seus gestos deslizava numa dança sensual, que extasiava a muitos, conquanto escandalizava os mais conservadores.

E nesses movimentos passeava descontraidamente em seus pensamentos efêmeros de liberdade…

Liberdade! Seja de que forma se entenda esse termo, ele traduz o que Gênio sentia naquele momento. Todavia num piscar de olhos uma cena de fúria abismou-se sob seus olhos… cena que abarca mais de uma faceta de modelos de comportamentos execráveis.

Gênio estava sendo agredido por palavras e olhares descabidos, com gestos beirando a imbecilidade. Mas o que incomodava essa "sociedade" de intelecto primitivo, congelado em épocas já esquecidas? Era a cor da sua pele ou sua dança sensual? Ou sua condição social de fragilidade? Ou era tudo isso junto?

Nunca em qualquer outro momento, havia presenciado alguém se encolher tanto dentro de seus medos, diante de ameaças, por motivos tão improcedentes.

O medo saltou das pupilas daquele garoto como fogo em labaredas. O suor escorria-lhe na pele expelindo o nervosismo, deixando-o com movimentos desajeitados...

– Dança! Não para! Mostra a altivez do teu espírito. Por que não exibes tua exuberância dançando infinitamente sem parar?

Perguntou-lhe seu amigo e veloz feito um foguete Gênio argumentou:

– Sou pequeno demais diante do mundo, não posso…

– Não, não és! Mostra pra todos que a cor da tua pele, é somente a cor da tua pele, não define quem tu és. E tua dança é tua arte.

Não, não devia ser assim, encolher-se com tamanha intensidade diante de uma agressão velada… velada?! Não! Não era velada, era desambiguada, a mais escancarada que já presenciara.

– Olhe para as estrelas Gênio, elas de longe parecem minúsculas, todavia não são.

– Mas não sou uma estrela, sou moribundo da sociedade.

– Não, não és, solta essa coragem que está presa em tua alma, deságua essa amargura no oceano e corre atrás da felicidade, tu hás de alcançá-la.

– Não consigo, o medo me consome, tudo isso machuca muito...

Ele lançou um olhar de incerteza e saiu. Se foi, caminhando no chão árido de seus emaranhados, carregando seus questionamentos e anseios em cada passo.

Pois é! O preconceito é inadmissível, seja ele de que ordem for, não importa o interlocutor, esse ato é repulsivo, pois ele atinge a honra, o sagrado de cada ser e abre feridas na alma. A Constituição brasileira promove o "não preconceito" e a "igualdade e justiça". No entanto, essas normas precisam saltar das páginas e ir pra vida, é urgente viver tais normas na literalidade, na realidade crua. Não há como se abster de lutar pelos direitos que nossa Constituição nos garante de forma soberana. É deplorável ver esses direitos serem corrompidos, manchados, uma vez que deveriam ser postos em prática no cotidiano de cada

um. Aquela foi uma cena de desrespeito inequívoco, aviltante, insultando a imagem de um ser. Foi um ato grotesco, de involução do ser humano. Não! Isso não pode permanecer, não há como acolher esse tipo de conduta. Se houve tamanha evolução tecnológica, cadê o engrandecimento interior, de amor ou ao menos de respeito pelo outro? Foram alguns minutos apenas, pra quem presenciou tal cena, mas eterna pra quem a sofre. Muda tudo dentro desse ser, desarruma seu intelecto, o faz perder sua essência, suas verdades interiores e seu eu murcha. A face obscena de Fortaleza está sorrateiramente disfarçada no preconceito. O preconceito é obsceno.

Vâniia Queiroz é graduada em Administração de Empresas, Servidora Pública Federal, Fotógrafa do cotidiano, mãe de felinos… “Apuro meu sentir, pra ver além da matéria… Brinco de escrever, pra desanuviar meu sentir…” Assim define duas de suas paixões.

Wagner Pires

O mascarado

@wagnerpiress
Fortaleza, Ceará

Talita ligou o rádio. A primeira coisa que fazia ao levantar da cama, ainda no escuro. Era como um ritual. Só depois ligava a luz e enquanto fazia sua higiene matinal acompanhava as músicas, as notícias e, principalmente, a hora. Tanta coisa para fazer, não tinha tempo de ficar olhando o celular, além do mais, bastava olhar para o aparelho que perderia tempo no insta, no face, no zap e em todas as outras redes sociais das quais participava.

Vestia a roupa apressada, ligava o pequeno fogão de duas bocas e fazia um café ralo para si e para o companheiro. Brício. Desempregado fazia um tempão. Vez ou outra aparecia em casa com um dinheirinho, isso quando não deixava tudo no bar, ou na boca. Ainda estava deitado.

“Acorda, macho, tu tem que ir me deixar na parada. Acabou de sair aí na rádio. O bandido mascarado roubou gente ali pelos lados do fim da linha.”

Brício abriu os olhos, resmungou algo que ela não entendeu e virou para o outro lado. Ela ia dar um grito no homem, mas aí o bebê, começou a choramingar na rede. Tomou o filho nos braços, sentou numa cadeira e ofereceu o seio a ele.

“Brício, bora! Você sabe que tem que me deixar na parada. Ontem a gente perdeu o das 5h30 e cheguei atrasada no trabalho.” Empregada doméstica era uma luta cruzar a cidade para ir à Aldeota, todo santo dia. Já perdera dois empregos porque os patrões queriam que ela dormisse no trabalho, mas ela decidiu dormir sempre em casa, desde que se juntara.

Ele levantou, foi na pequena pia e lavou o rosto. Depois tirou uma calça e uma camisa amarrotadas na cômoda, vestiu, colocou uma mochila azul nas costas. O logo da prefeitura de Fortaleza desbotado, resquício do nono ano, última série que ele cursou.

“Deixa o Wallace na tua mãe, que hoje eu vou ver se consigo algum nas quebradas.”

Saíram de casa, parando alguns barracos à frente, para deixar o menino com a avó. No caminho até o ponto do ônibus, Talita ia falando dos casos e mais casos que ouvia a respeito do bandido mascarado que aterrorizava o bairro.

“Ele leva tudo: bolsas, carteiras, celulares, até marmita ele já tomou de um pobre que estava indo trabalhar naquela construção que fica ali na Perimetral! Um perigo.”

“Fica fria, nada vai acontecer contigo...”

“Ê, meu filho, eu não confio não, deve ser algum noia aí, doido para encher a cara de pó. Confia.”

O ônibus vinha chegando. Ela deu um selinho insosso no seu homem e se agarrou às portas da condução lotada, que saiu enchendo a rua de fuligem preta. Brício ficou olhando o veículo sumir rua acima. Saiu caminhando até um terreno baldio que ficava ali próximo e entrou por uma vereda, sumindo entre as folhagens altas. Atravessou apressado. O terreno dava acesso à outra rua mais movimentada, próximo a um conjunto de classe média. Uma parte de um antigo muro resistia ao tempo escorada a um outdoor, que anunciava mais investimentos da prefeitura em segurança. Ele olhou para o anúncio enquanto se colocava atrás do muro. Abriu a mochila e retirou um velho revólver calibre 22, que achou fazia uns três ou quatro meses, jogado ali mesmo no córrego que cortava o terreno. Colocou a arma na cintura. Depois tirou uma máscara da bolsa. Era uma máscara que ele vira em um filme e que um estudante estava usando em uma manifestação. Quando o Choque desceu o cacete sobre os manifestantes, todos correram e a máscara ficou ali no chão. Ele a levou para casa. Talita disse

que ele jogasse fora, mas ele apenas deu de ombros e a colocou na mochila. Depois que achou a arma, ele acabou arrumando uma função para aquela máscara feia e pálida.

Saltando de trás do muro, o bandido mascarado, aborda uma mulher que passava sonolenta pela calçada. Uma pobre diarista, que deixava ali o celular, o cartão vale transporte e a bolsinha com um dinheirinho para o almoço.

Na fuga, ele não viu quando um homem, que estava parado na esquina alguns metros adiante tirou a arma e atirou. Brício caiu. Mesmo naquela hora da manhã, muita gente estava na rua e partiram para cima dele numa mistura de sadismo e revolta que assustaria a qualquer um. Quando a polícia chegou, bem depois, encontrou o corpo de Brício e a máscara partida em pedaços.

Talita, naquela noite, não conseguiu dormir, preocupada com Brício. Diabo de homem que sempre fazia isso. Ia ser do mesmo jeito, sumiria por dias e depois apareceria bêbado. No dia seguinte, abriu o rádio e ficou aliviada ao saber que o bandido mascarado tinha sido linchado por populares e não resistira.

"Pelo menos, uma boa notícia."

No caminho para o ônibus viu duas mulheres conversando sobre a morte do bandido mascarado. Uma delas tirou uma foto dele, antes do IML remover o corpo. Curiosa ela pediu para ver. Quando reconheceu, mesmo com o sangue e os hematomas que o homem morto era Brício, as pernas ficaram sem forças e ela caiu no chão sem sentidos. A mulher, que havia lhe mostrado a foto tirada no celular, um pouco zangada, por Talita quase ter deixado seu aparelho cair apenas comentou:

"Não sei por que essa gente fraca fica pedindo para ver essas coisas, se não aguenta."

Arrasada, Talita recobrou os sentidos, voltou à casa da mãe e tomando o pequeno filho nos braços, apenas caiu no choro diante da velha.

Natural de Fortaleza, atualmente morando em Juazeiro do Norte, depois de, como boa parte dos cearenses, ter andado pelo Brasil, conhecendo gente, contando e ouvindo histórias. Servidor Público, com formação em Administração. Historiador, contista, pai de pet e leitor voraz. Vencedor do Prêmio Sesc de Contos 2018. Finalista do Prêmio Strix (6ª Edição).

Yvonne Miller

Que burra!

@yvonnemiller_escritora
Aldeia dos Camarás, Pernambuco

Já com o tapete de ioga nas costas e o capacete na cabeça, enfio o último pedaço de tapioca na boca enquanto com a outra mão passo protetor solar pelo rosto. Toda segunda-feira a mesma correria! Pode até ser que a ioga relaxe, desacelere, nos torne mais *zen* e tudo mais, mas até chegar na aula é tudo ao contrário.

Esperar o elevador é perda de tempo, e assim voo escada abaixo, pulo na minha bicicleta, lanço um *bom dia* pro porteiro e... partiu! A rua tá deserta e se não fosse pelo hipermercado ao meu lado, juraria que estou no Saara– ou no inferno. Oito horas e o sol já tá querendo derreter o asfalto. Agora lembro: esqueci de passar protetor nos ombros. Outro motivo para apressar-me. O primeiro é o tempo: daqui para a ioga são 40 minutos. Eu tenho 30 e a reputação de chegar sempre atrasada. "Que espécie de alemã você é?" – toda segunda-feira a mesma pergunta. A bicicleta balança entre minhas pernas enquanto eu maltrato os pedais e minhas panturrilhas. E isso porque esta parte do Papicu é plana – ruim é quando se chega na subida da Santos Dumont. Os contêineres de lixo atrás do mercado disseminam um cheiro de ovo podre misturado com rato morto e água sanitária. Dois moleques estão procurando seu futuro entre os sacos rasgados. Contenho a respiração e qualquer esperança quanto ao porvir da nação. Dobro na Joaquim Lima – só um tantinho na contramão, que a esta hora mal

passa carro aqui. Principalmente quando tem um burro parado no meio da rua. Peraí, um burro?!

O chiado do meu freio de mão faz o animal virar a cabeça. Olhos mansos, grandes e tristes. Com as orelhas e o rabo tenta afastar as moscas que insistem em pousar no seu pelo emaranhado e sujo. E agora, só agora vejo também a barriga. Meu Deus, que barriga! Quantos burrinhos caberão na barriga de uma burra? Imagino ela entrando em trabalho de parto a qualquer momento e os burrinhos caindo um atrás do outro no asfalto – *plaft, plaft, plaft*! Ela continua me olhando com seus olhos de cachorro abandonado e eu olho à minha volta em busca de ajuda. Do lado, na calçada, um casal dorme num pedaço de espuma amarela. Ela de vestido, ele de bermuda colorida, chinelos nos pés. Dormem um sono imóvel e pesado. Dormem sem importar-se com o sol que lhes queima a pele, o cheiro de mijo que sobe dos bueiros ou o barulho das buzinas vindo da Santos Dumont. Nem com as moscas que zumbem à sua volta e passeiam pelas feridas que lhes cobrem as pernas. Mais à frente um cidadão está sentado num banquinho, encostado no muro, na sombra de uma das poucas árvores que a prefeitura deixou na última reforma, uma bíblia nas mãos.

– O senhor viu como a burra chegou aqui?

Ele responde com uma voz serena e sem levantar o olhar do livro:

– Vi não, minha filha. Alguém deve ter soltado ela por aí. Assim como está não presta mais pra trabalhar, puxar carroça...

– Mas ela não pode ficar aqui no meio da rua.Vai ser atropelada... A gente tem que fazer alguma coisa, chamar alguém...

– Chame por Deus, minha filha. Deus proverá.

Com isso, ele vira a página e é absorvido novamente pelos seus salmos.

Lembro dos meninos revirando o lixo do mercado, vejo o casal dormindo na calçada, o animal abandonado no meio da rua e penso que só nessas duas quadras da cidade, Deus tem um monte de trabalho a fazer. Volto ao lado da

burrinha. Quieta no meio dessa paisagem urbana, entre muros, asfalto e o sol cearense, ela parece aguardar o juízo final.

– O que vamos fazer com você, hein, amiga?

Assim que levanto a mão para alisar o pescoço longo, ela se encolhe, retrocede, relincha e meus olhos se enchem de lágrimas ao imaginar o porquê do seu medo. Nesse momento lembro do ponto da Polícia Ambiental no Parque do Cocó, a poucas quadras dali. Não é Deus, mas é alguma coisa e provavelmente até mais rápido. Subo de novo na bicicleta; faz tempo que esqueci da aula de ioga.

– Espera aqui, já volto e trago ajuda – digo para a burra antes de partir.

Mas nunca cheguei no parque. Foi só dobrar a esquina, que a roda dianteira entrou num buraco do tamanho de uma cratera que a prefeitura esqueceu de ajeitar na mesma reforma em que tiraram quase todas as árvores.

– Tá acordando.

É a primeira coisa que ouço após um tempo indefinido e turvo, enquanto meu espírito pouco a pouco volta para o corpo.O asfalto está assando minhas costas e onde antes estava meu braço, agora lateja uma dor aguda.Sinto o peso da bicicleta sobre as pernas.

– Moça, tudo bem? Tá me ouvindo?

Abro os olhos. Quatro cabeças se inclinam sobre mim. Os dois moleques da lixeira e o casal que dormia na calçada me olham com preocupação. Com o barulho da minha queda finalmente acordaram. O movimento da respiração dói no tórax.

– Cadê a burra?– consigo pronunciar.

– Que burra, moça?

– Acho que ela caiu de cabeça.

– Aqui tem burra não, moça.

De volta ao apartamento, deitada no sofá com uma bolsa de gelo no braço, os ombros queimados do sol e o corpo todo dolorido, mando uma mensagem no grupo da ioga para explicar minha ausência.

Claro que ninguém acreditou na história da burra.

Yvonne Miller nasceu em Berlim, mas mora, namora e se demora no Nordeste do Brasil desde 2017. Tem crônicas e contos publicados em coletâneas, como *Paginário* (Aliás Editora, 2019),*A Banalidade do Mal* (Mirada, 2020), *Histórias de uma quarentena* (Holodeck Editora, 2021), assim como na revista literária feminista *Laudelinas*. É colunista do coletivo literário feminino *@bora_cronicar*, do blog *Escritor Brasileiro* e do *ColetiveArts*. Além de ficcionista é autora e redatora de livros didáticos.

Zélia Sales

Fortaleza e seus disparates

@zelialetras

Fortaleza, Ceará

Foi o Zé da Bodega quem me contou. No final dos anos 50,quando ele chegou a Fortaleza, a Humberto Monte, onde moramos, era um areal, e toda a região próxima era chamada de Amadeu Furtado. Num trecho da antiga rua (ainda não era uma avenida), conhecido como Becão, havia prados, as populares corridas de cavalos. Rolava aposta e tudo.

Quando cheguei aqui na Humberto Monte, no começo dos anos 90, antes da ampliação, havia pouco trânsito, os meninos do condomínio e da vila vizinha arriscavam até bater uma bolinha no asfalto, as meninas faziam manobras em seus patins.

Nos preparativos para a Copa de 2014, a avenida ganhou novas placas de orientação, parte das calçadas foi padronizada: nivelaram, fizeram rampinhas de acesso. É por essas calçadas que, todo final de tarde, faço minha caminhada, que é completada no Campus do Pici.

A padaria, a escolinha (de portas fechadas, por conta da pandemia), as revendedoras de carros, que me obrigam a descer pro asfalto. Depois de vencer umas quatro quadras, chego ao cruzamento da Jovita Feitosa. Há vendedores de laranja, de balas, de água. Era ali que os moradores de rua ocupavam boa parte do canteiro central. Mas quando se abriu um templo da Igreja Universal, eles se deslocaram. Diz-se que houve um acordo.

Agora estão do outro lado da Jovita. Há sofá, colchões, um armário, um fogo aceso, um varal. São uns cinco que se agilizam quando fecha o semáforo, entre eles uma idosa. Essa leva sorte, quase sempre consegue uns trocados. Tem um rapaz, calção tactel, camiseta cavada, boné, uma tribal tatuada no braço musculoso. Até uns meses atrás, movimentava-se intrépido entre os carros que param no sinal, um rodo na mão, uma garrafa d'água na outra, asperge, limpa, asperge, limpa, a cidade tem pressa. Agora ele tem movimentos mais calculados. Na verdade o rapaz é uma menina, eles o chamam de Manu. É que o Manu está de barriga. Ca-ra-lho! Já deve estar entrando no oitavo mês.

Mais adiante, há outros indigentes. Um casal, à fresca do cajueiro, os dois sempre estirados sobre um colchão imundo, no maior chamego. Fazer o quê? Não tem televisão, não tem tanque nem pia, nem parede, nem teto. Agora arranjaram um papelão, o apelo feito a carvão: AJUDE A MANTER NOSSO CASAMENTO. Marrapaz!...

Vez ou outra, encontro o... não lembro o nome agora. Foi colega do meu filho no colégio. A família mora ali perto numa big casa. Ele faz malabares no sinal. Às vezes acena – oi, tia – às vezes ele consegue segurar as claves no ar, às vezes vai tudo pelo chão, a cidade exige pressa. E habilidade.

Antes de se chegar à pracinha, há um pet shopping. Sempre dois ou três cãezinhos já banhados, perfumados, penteados (Tudo para o seu pet: adestramento, beleza e bem-estar) estão na vitrine, protegidos, esperando seus donos, que não tardam. Lá dentro, uma infinidade de caminhas, tendas, coleiras coloridas, biscoitos especiais, ossinhos sintéticos e até... roupinhas!!! Que cachorrada.

Entro no Campus, vou até o RU. Na volta, as luzes já começam a acender. Na via há um aumento do fluxo de carros, de bicicletas, de motos barulhentas. Muita gente nos pontos de ônibus. O mesmo percurso: os cãezinhos na vitrine do pet, o rapaz dos malabares, o casal e sua placa, o Manu e seu barrigão...

Agora o cheiro do pão se dissipa por ali, preciso passar na padaria. Na calçada, duas ou três menininhas. Colam as carinhas encardidas contra a vitrine onde se expõem os doces, os sonhos. Não podem entrar. Contam com a boa vontade de algum cliente: um pão, uma moeda, às vezes, com muita sorte, um salgado. Não comem, vão metendo tudo numa sacola suja que uma delas traz pendurada no ombro.

Em casa, a leiteira está no fogo enquanto tomo um banho de porta aberta, a TV ligada, o jornal local, Fortaleza e seus disparates... De repente já passa das oito. Da janela do apartamento, vejo as três menininhas que vêm andando devagar pela Humberto Monte. Dobram na rua Chile rumo à comunidade que fica do outro lado do canal. Vêm mordendo um pão cada uma, enquanto a cidade vai devorando-as, às dentadas.

Zélia Sales é cearense de Itapajé. Graduada em Letras (UECE) e especialista em Investigação Literária (UFC). É professora da rede oficial de ensino, onde atua na formação de leitores. Tem trabalhos publicados em diversas coletâneas. Publicou *A cadeira de barbeiro* (2015) e *O desespero do sangue* (2018), ambos do gênero contos.

Nota da organizadora

A injustiça é das coisas mais obscenas que conheço e pode resultar impiedosa quando passa a compor uma narrativa de vida. Desde que vivi essa experiência, passei a fazer um exercício de deslocamento para entender também sobre as dores das outras pessoas, as paixões que as movem e outras formas de obscenidades.

Quando em A obscena senhora D, nossa inspiradora Hillé, diz: “Não estou bem, Ehud”, ao que ele responde: “Ninguém está bem, estamos todos morrendo” – um diálogo escrito em 1982 que tão bem se acomoda no hoje – me serviu de mote para essa antologia, num fluxo quase irracional de consciência, palavras e pensamentos. Esse é o caráter atemporal da literatura.

Crônicas de uma Fortaleza obscena é proposta de acesso à multiplicidade de vivências, prazeres e dramas, a partir do diálogo imagético e intertextualidade com o obsceno.

Obscena é a ganância, a injustiça, a desigualdade social, a violência contra a mulher, a misoginia, a transfobia. Obsceno é o fascismo, o negacionismo da ciência, o superfaturamento da vacina, o feminicídio, o racismo, os inumeráveis tipos de segregação e preconceito que nos violentam, silenciam e matam.

Eis portanto, um registro do nosso tempo, escrito a várias mãos. Aqui, o que define o gênero literário é a relação da autora ou autor com o seu texto: crônicas do cotidiano, minicrônicas, narrativas carregadas de verdades, contação de causos. Tudo isso envolto em ternura, inquietação, revolta, sensualismo, volúpia e obscenidade, seja qual for a interpretação dada ao substantivo.

Foram dois meses de leitura e curadoria dos textos com a presença sempre forte das personagens em cena, como se estivéssemos na Praça do Ferreira ou à mesa de um bar no Dragão, Benfica ou Conjunto Ceará, ficcionando nossas resenhas da vida real.

Sou Íris Cavalcante, organizadora e cronista dessa antologia, feliz por dividir esse espaço com escritoras e escritores iniciantes ou premiados. Ainda mais feliz por estimular a ousadia de uma escrita subversiva, disruptiva, fora da curva, que resultou sutil, voraz e surpreendente. Nesse canal de livre expressão, rasgamos a opressão, rompemos padrões, fizemos protesto e resistência. E vimos nossa Fortaleza linda e tão desigual planando no imaginário coletivo de tanta gente daqui e além fronteira. Enquanto ainda não podemos ocupar os espaços da cidade como gostaríamos, vamos fazer a ocupação a partir da nossa voz política e literária, nas ruas, praças, bares, universidades, praias, periferias.

Obrigada a cada um e cada uma que toparam o desafio de se expor em forma de texto, despir-se de pudores e cerimônias. Ter coragem também é mostrar-se, tirar o texto da área de trabalho e trazê-lo ao mundo. Isso é fortaleza. Vocês deram o tom da narrativa, e com o seu traço particular, abrilhantaram essa produção coletiva.

Ah, e quando penso no obsceno, não me remeto, propriamente, ao que as pessoas fazem entre quatro paredes ou a céu aberto ou onde queiram, para dar vazão à sexualidade. A primeira imagem que me ocorre é o manto do silêncio esticado por várias mãos para encobrir qualquer injustiça.

Íris Cavalcante
Fortaleza, agosto/2021